

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ANÁPOLIS - UNIEVANGÉLICA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO E AÇÃO  
COMUNITÁRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE, TECNOLOGIA E MEIO  
AMBIENTE**

**FRONTEIRA E NATUREZA NA OBRA DE BERNARDO ÉLIS**

**Aurea Marchetti Bandeira**

**ANÁPOLIS - GOIÁS**

**2014**

**AUREA MARCHETTI BANDEIRA**

**FRONTEIRA E NATUREZA NA OBRA DE BERNARDO ÉLIS**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-graduação Pesquisa e Extensão e Ação Comunitária da UniEvangélica – Centro Universitário de Anápolis, como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente, sob a orientação do Prof. Dr. Sandro Dutra e Silva

**ANÁPOLIS – GOIÁS**

**2014**

B214

Bandeira, Aurea Marchetti.

Fronteira e natureza na obra de Bernardo Élis / Aurea Marchetti Bandeira.  
– Anápolis: Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica, 2014.  
p.; il.

Orientador: Prof. Dr. Sandro Dutra e Silva.

Dissertação (mestrado) – Programa de pós-graduação em  
Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente – Centro Universitário de  
Anápolis – UniEvangélica, 2014.

Catálogo na Fonte

Elaborado por Hellen Lisboa de Souza CRB1/1570

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

Dissertação de Mestrado intitulada “Fronteira e Natureza na obra de Bernardo Élis”, apresentada ao Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA, como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente .

**Defendida em:** \_\_\_\_\_

### **BANCA EXAMINADORA:**

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Sandro Dutra e Silva – UniEVANGÉLICA/UEG  
(orientador)

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr<sup>a</sup>. Giovana Galvão Tavares – UniEVANGÉLICA (professora convidada)

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira – UEG (professor convidado)

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr<sup>a</sup>. Josana de Castro Peixoto – UniEVANGÉLICA/UEG (professora suplente)

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, professora Áurea de Souza Marchetti (*in memoriam*), que hoje, com certeza, estaria muito feliz.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, sem o qual nada disto seria possível. A Ele toda honra, toda glória e todo o louvor.

Ao meu marido, Herley Nunes Bandeira, esposo correto, companheiro sempre presente, amigo de todas as horas e incentivador do meu trabalho e da minha vida profissional.

Aos meus filhos Erick e Thiago, melhor parte de mim. Nunca poderei dizer em palavras quanto os amo.

À minha irmã, Thelma, amiga de todas as horas, sempre disposta a ajudar-me, incentivando e orando por mim.

Aos amigos, professor Edson Sousa Brito, Hugo Andrade Silvestre e a Tia Helena Melazzo, amigos e companheiros de trabalho, pelo incentivo e atenção a mim dispensados, principalmente, quando da construção desta pesquisa.

À FAPEG, pelo incentivo financeiro à minha pesquisa e para o fortalecimento do Programa de Pós-Graduação

## **AGRADECIMENTOS ESPECIAIS**

Ao meu professor orientador, Dr. Sandro Dutra e Silva, amigo e parceiro profissional, pessoa de uma simplicidade ímpar. Obrigada pela paciência e por conduzir-me com estímulo à construção desta pesquisa.

À professora, Dr<sup>a</sup>. Giovana Galvão Tavares, amiga sempre solícita nas horas de minhas angústias e preocupações, disposta a contribuir e auxiliar-me, muito obrigada.

Filho meu, se aceitares as minhas palavras, e esconderes contigo os meus mandamentos,  
Para fazeres o teu ouvido atento à sabedoria; e inclinares o teu coração ao entendimento;  
Se clamares por conhecimento, e por inteligência alçares a tua voz,  
Se como a prata a buscares e como a tesouros escondidos a procurares,  
Então entenderás o temor do Senhor, e acharás o conhecimento de Deus.  
Porque o Senhor dá a sabedoria; da sua boca é que vem o conhecimento e o entendimento.  
Provérbios 2: 1-6

## RESUMO

Este trabalho objetiva analisar as categorias “fronteira” e “natureza” na obra de Bernardo Élis. O uso analítico dessas categorias tem por referência os pressupostos teórico-metodológicos da História Ambiental. Nesse sentido, nossa intenção não é promover uma crítica literária nem uma análise do discurso a partir da literatura de Élis, mas sim analisar as representações da natureza, sobretudo nas representações do Cerrado. Assim, também, como a fronteira, vista não apenas como um território geográfico, mas como uma condição social, em que relaciona os humanos e o meio (geográfico, fitogeográfico) e as relações nele vivenciadas. Nesta pesquisa, a metodologia empregada foi a de revisão de literatura para a qual recorreremos a historiadores, que trabalharam os elementos do território em suas obras e, ainda, procuramos nos fundamentar nos pressupostos da História Ambiental que nos fornece material relevante para a compreensão da relação homem/ natureza, tão bem demonstrados nos contos de Bernardo Élis, trabalhados nesta pesquisa, uma vez que fronteira e natureza são recorrentes na vida do escritor. Procuramos trazer a interdisciplinaridade, englobando literatura, meio ambiente, história e sociedade. O resultado desta pesquisa procurou demonstrar como a história e os escritos literários estão intimamente ligados e como a linha que os divide é tênue.

**Palavras-chave:** Bernardo Élis; Fronteira; Natureza; Cerrado; História Ambiental; Literatura.

## **ABSTRACT**

This paper aims to analyze the categories "border" and "nature" in the work of Bernardo Elis. The analytical use of these categories is to reference the theoretical and methodological assumptions of Environmental History. In this sense, our intention is not to promote a book review or an analysis of discourse from the literature of Elis, but to analyze the representations of nature, especially in representations of the Cerrado. So, too, as the frontier, seen not only as a geographical territory, but as a social condition that relates humans and the environment (geographical, phytogeographic) and relations experienced it. In this research, the methodology employed was to review the literature to which we resort to historians, who worked elements of the territory thereof, and also seek to substantiate the assumptions of environmental history that provides the material relevant to understanding the relationship man/nature, as well shown in tales of Bernardo Elis, worked in this research, since borders are recurring in nature and life of the writer. Seek to bring interdisciplinary, encompassing literature, environment, history and society. The result of this research sought to demonstrate how the history and literary writings are closely linked and how the line that divides them is tenuous.

**Keywords** : Bernardo Elis; Frontier; Nature; Cerrado; Environmental History;. Literature.

## **LISTAS DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 01 - Carta da Capitania de Goyaz. Fonte: TEIXEIRA NETO, 2013, p. 35.

## **LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**AGEPEL** : Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira;

**CEDAE**: Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulálio”;

**IEL**: Instituto de Estudos da Linguagem;

**PCB**: Partido Comunista Brasileiro;

**UNICAMP**: Universidade Estadual de Campinas.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO I - UM BREVE RELATO BIOGRÁFICO: LITERATURA, VIDA E OBRA DE BERNARDO ÉLIS</b> .....	21
1.1 Reflexões sobre a literatura de Bernardo Élis .....	25
<b>CAPÍTULO II - FRONTEIRA: BASE TEÓRICA PARA A DISCUSSÃO DE NATUREZA E TERRITÓRIO</b> .....	32
2.1 Fronteira: um conceito clássico .....	33
2.2 A fronteira em Goiás .....	46
2.4 A fronteira na literatura de Bernardo Élis.....	54
<b>CAPÍTULO III - A NATUREZA E AS REPRESENTAÇÕES DA FRONTEIRA CERRADO NA LITERATURA DE BERNARDO ÉLIS</b> .....	60
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	77
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	81

## INTRODUÇÃO

A proposta inicial desta pesquisa era a analisar os domínios, fronteira e natureza nas representações da cultura goiana e sua relação com o Cerrado na obra de Bernardo Élis, todavia depois de fazermos várias leituras, resolvemos mudar o *corpus* da pesquisa, uma vez que as leituras serviriam para ajudar-nos na definição desse. Continuamos com a mesma proposta, mas com o *corpus* definido: o de estudar fronteira e natureza na obra de Bernardo Élis, assim, concentramos nossas leituras para execução do trabalho. Deixamos a discussão sobre os domínios da natureza, uma vez que, os elementos naturais aqui abordados vão além de suas características meramente fitogeográficas. Assim, o Cerrado, Sertão, Gerais, Ermos, são muito mais do que apenas elementos físicos que compõem o meio ambiente.

A literatura, como expressão cultural, é fruto dos processos históricos. Ela apresenta as formas e visões de mundo de uma dada sociedade em uma terminada época. Velloso (1988, p. 260) afirma que a

Literatura não é documento, história é documento. [...] Se a obra histórica guarda certa dose de subjetividade. A literária não se indispõe com certos parâmetros da realidade objetiva. É por isso que a obra literária também pode oferecer um retrato de época. Ela recorre à história não na perspectiva de testemunho ocular ou repórter dos fatos, mas como intérprete. Capaz de recriar poeticamente a realidade. História como matéria inspiradora para a ficção, reinvenção da realidade.

É exatamente assim que Bernardo Élis realiza sua obra. Ele recorre à realidade vivenciada por ele para escrever seus contos, ela é a matéria-prima de seu trabalho. Por isso, o objetivo geral desta pesquisa é analisar a representação da

fronteira e natureza na literatura goiana, representada na obra de Bernardo Élis, em especial nos contos *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá* e *A crueldade benéfica de Tambiú* do livro *Ermos e Gerais*, e no conto *A enxada* do livro *Veranico de Janeiro*.

Os textos selecionados da obra de Élis seguem a linha do território isolado e distante. Os seus personagens são marcados por um drama social caracterizado pela trágica relação de enfrentamento com a natureza e com as relações de poder nesse território dos “Coronéis”. Desse modo, esta pesquisa se justifica uma vez que a dicotomia atraso versus modernidade poderá ser observada através da análise dos contos de Bernardo Élis “*A enxada*”, *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá* e *A crueldade benéfica de Tambiú*, nos quais os personagens vivem o contraste com a natureza como inimiga do progresso, cuja fronteira deveria ser ultrapassada a fim de desenvolver o Cerrado.

Bernardo Élis sempre foi um escritor comprometido com os valores históricos, guardião da memória popular e em cujas obras aproximam o narrador e a materialidade do narrado. Sua obra é de fundamentação local, isto implica dizer que Bernardo trabalha essencialmente das questões peculiares de Goiás. Sua obra *Ermos e Gerais* é o livro com o qual Élis inicia sua carreira literária, logo após o belo trabalho de Hugo de Carvalho Ramos com “*Tropas e Boiadas*”, colocando, assim, Goiás no cenário ficcional brasileiro (ÉLIS, 2005).

Goiás, no início do século, era apenas um lugar ermo, deserto, para onde se dirigiam os desbravadores, conhecidos como bandeirantes. Esses aqui chegavam com suas “Bandeiras” para desbravar a terra inóspita, como é caso de “Amaro Leite”, cidade que se construiu em torno da mineração, recebendo o nome do bandeirante que a fundou, e é cenário do conto *A crueldade benéfica de Tambiú*. A natureza intocada era empecilho para que chegasse o progresso, portanto, era preciso desmatar, derrubar as grandes árvores para colonizar o sertão. A busca pelo ouro trazia os “heróis”, que conseguiam penetrar nos gerais e dali produzir riqueza (SILVA, 2009).

Na conquista do Oeste brasileiro, o sertão aparecia como um espaço desconhecido, perigoso, habitado por selvagens e feras, entretanto, para o bandeirante, era fonte de riquezas. Além disso, ele, o bandeirante, é o responsável

pelo aumento do espaço territorial. Este aumento de espaço territorial pode ser considerado, na ação das bandeiras, como principal experiência de fronteira na história brasileira. Analisando, assim, a fronteira, é o resultado da mudança, que conseguiria dissolver o paradoxo litoral/sertão (OLIVEIRA, 2000, p.79).

Deste modo, analisar a produção literária de Bernardo, fazendo uma leitura das narrativas dos livros *Ermos e Gerais* e *Veranico de Janeiro*, nos quais o autor denuncia a condição de esquecimento em que o Estado ficou depois dos dias de glória da produção aurífera, justifica-se, haja vista que podemos perceber, pelos seus contos, o enfrentamento do homem do sertão contra a natureza, buscando derrubar as fronteiras que o impediam de progredir.

Ao analisarmos a palavra “ermo” vemos que significa deserto, desabitado, descampado, solitário – como era Goiás no cenário do Planalto central – e a palavra *Gerais* tem a ver com a geografia, e também quer dizer campos extensos e desabitados, cujas terras se encontram sem proveito algum. É nesse cenário por que passam os contos do livro *Ermos e Gerais*, tudo isso em uma terra “esquecida” por aqueles que aqui vieram buscar o ouro. Assim, buscamos analisar e compreender, através deles, a relação do homem com a natureza, bem como a sua luta contra aquilo que o impedia de seguir adiante, buscando entender a dicotomia atraso x realidade.

Em *Veranico de Janeiro* (ÉLIS, 1979), o cenário é outro, não menos violento, o poder daquele que possui as terras, explorador latifundiário, que obriga o outro a toda ordem de deploração. As personagens desse autor, como sempre se encontram em lugares desertos, fim-de-mundo, esquecidas e marginalizadas. Isso é o que acontece no conto “A enxada”, no qual o autor descreve o jugo e o destino infeliz das pessoas que vivem e trabalham como escravas para os “coronéis” em suas fazendas.

Essas obras nos ajudaram a compreender a ocupação do Cerrado na expansão das fronteiras econômicas que, de acordo com Silva (2009, p. 86), a relação entre o desbravador e a natureza resultava em uma atitude de enfrentamento e de interesses opostos. Além disso, as obras de Bernardo Élis (2005) denunciam um espaço decadente, habitado por seres do mesmo modo degradados, demonstrando que nesse tempo, (quando da criação dos contos), e

nesse espaço não havia vida agradável, terras bem distribuídas, muito menos respeito para com os menos favorecidos. Apesar de ser um local ermo, com terras que poderiam ser aproveitáveis, não se pensava no bem-estar de uma sociedade.

Esta pesquisa, ainda, pôde nos ajudar a compreender a visão de mundo dos moradores do sertão, das áreas interioranas, uma vez que esses tinham uma visão “distorcida” da natureza. Ela era mãe que supria as necessidades e de onde poderia se encontrar a cura, mas principalmente, era a inimiga do progresso, pois tudo o que acontecia de ruim com a produção agrícola ou mesmo com a pecuária era culpa da natureza. Era a erva daninha que matava o gado, a enchente que destruía casas e plantações, enfim, a natureza se constituía no maior adversário dos moradores desse lugar (MURARI, 2009; SILVA, 2011).

Entretanto, este trabalho não teve a pretensão de esgotar o debate acerca da luta de sempre entre o homem e a natureza, seja para destruí-la a fim de abrir espaço para o progresso, seja para preservá-la com intuito de construir um mundo sustentável onde todos possam viver de forma agradável, preservando o ambiente em que se está inserido. Para isso, buscamos na literatura que é a fonte privilegiada para essa discussão, na medida em que apresenta personagens, relatos de vida, tragédias, territórios, ambiente natural, dentre outros que auxiliam na busca pela compreensão do papel da natureza na vida dos habitantes.

Assim, este trabalho pretendeu responder às seguintes indagações: De que forma a fronteira e natureza são representadas na obra de Bernardo Élis?; De que maneira os pressupostos da literatura e História Ambiental auxiliam na compreensão dos processos de ocupação do cerrado nas primeiras décadas do século XX?; Como os contos literários, deste autor, estabeleceu a relação entre o homem e o meio ambiente?; e Como as narrativas literárias apontam para a percepção da dicotomia atraso x modernidade?, cujo objetivo geral foi o de identificar e compreender como a natureza e fronteira são representadas na primeira metade do século XX, nas obras de Bernardo Élis, em especial, *Ermos e Gerais* e *Veranico de Janeiro*.

Para tanto, lançamos mão de um referencial teórico que nos ajudasse a compreender, analisar e identificar como a fronteira, a cultura e a natureza se entrelaçam na obra de Élis. Nossa intenção, nesta pesquisa, foi tentar compreender

tais relações, tendo como fonte as obras de Bernardo Élis *Ermos e Gerais* e *Veranico de Janeiro*.

A linha que divide a história da ficção é diminuta e, segundo Aristóteles, a literatura traz em si mais filosofia e elevação que a história (ARISTÓTELES, 1995, p.28). Assim, podemos dizer que a literatura tem retratado os acontecimentos de seu tempo, seja de forma ficcional, poética ou não. Segundo Velloso (1998), a obra literária também pode proporcionar um retrato de época. Ela busca na história interpretar de maneira poética a realidade posta.

A história tem provado que tudo que se escreve, desenha, fotografa reflete uma determinada época. Muitos escritos retratam o momento político-social em que o autor viveu, ou buscou nos “mortos” (CERTEAU, 2000). Com Bernardo Élis não é diferente, seus escritos demonstram como viveram os homens no sertão de Goiás. Por exemplo, em *Ermos e Gerais*, relaciona o cenário de sua narrativa com as paisagens do sertão, descritas como as *Gerais*. Essas foram denominadas por relacionar ao lugar desabitado, de terras devolutas, esquecidas por aqueles que aqui passaram nos tempos da mineração. *Gerais* também era a forma coloquial de se referir ao Cerrado. Era uma expressão popular que ao mesmo tempo em que dizia respeito a uma paisagem, descrevia, ainda, a condição humana, seu isolamento, sua relação com o cenário típico dos campos do Planalto Central.

Desse modo, podemos perceber em sua narrativa que:

Até mesmo as transformações das paisagens podem ser associadas à interatividade vivenciada pelos seres humanos. Trata-se de apreciar um vínculo do ser com fenômenos absolutamente interpretáveis, relação esta que se apresenta como modelo de permuta para a continuidade da percepção e, conseqüentemente, da significação. Através de uma rede complexa de possibilidades interpretativas, desdobradas enquanto paisagens internas e externas, é que indivíduos são envolvidos em modos específicos de interação. (SILVA, 2011, p.18)

Os personagens de Bernardo refletem em si mesmos a sua falta de ação e/ou omissão, não tinham disposição para realizar o que era preciso e, no fim, sofrendo as conseqüências disso, acabavam por culpar a natureza por tudo que lhes acontecia, como é caso do conto “Nhola dos Anjos e a cheia de Corumbá”, do livro *Ermos e Gerais*, no qual o personagem passou a vida inteira dizendo que ia mudar

de onde estava, mas nunca providenciou tal mudança. Viviam na penúria, já que a natureza lhes rouba tudo que possuía. Podemos exemplificar isso conforme análise de Campos (2012) dizendo que

Ermos e Gerais, na condição de denúncia de um espaço decadente, habitado por seres igualmente degradados, apresenta-se de maneira insistente como a escrita que quer auxiliar a memória, pois a sociedade brasileira, há muito, não via nem se lembrava do estado que, depois dos auríferos dias de capitania, caiu in obliuvis juntamente com a decadência do ciclo do ouro, atividade praticamente abandonada já no primeiro quartel do século XIX.

Os elementos que fazem parte da obra de Bernardo Élis simbolizam algo, como no conto *A enxada* em que essa “é recurso indispensável na agricultura. Ela revolve o solo, abre as covas que vão receber as sementes que, cobertas pela terra [...] irá germinar e produzir fruto” (MELAZZO, 1990, p.44). As personagens desse autor, comumente, estão em lugares desertos, fim-de-mundo, esquecidas e marginalizadas. É o que podemos ver no conto “A enxada”, em que o autor descreve o fardo e a sina infeliz das pessoas que vivem e trabalham como escravas para os “coronéis” em suas fazendas.

Portanto, se é verdade que história e literatura estão intrinsecamente ligadas, então a literatura em muito contribuiu para a construção histórica de determinado povo e lugar. A criação de uma intriga, remetendo à história, permite-nos identificar possibilidades escusas de um tempo em o homem submete o outro para obter benefícios para si, sem se importar com a crueldade com a qual tortura o seu próximo, pois não existem leis que o façam parar.

Tudo isso nos revela que, ao longo dos anos, aquilo que era ermo e cuja natureza impedia o crescimento, transformou-se de tal maneira, sendo agora centro de discussões, dialogando com outros domínios antes considerados mais importantes.

A descrição metodológica desta pesquisa fundamenta-se na revisão de literatura que, segundo Luna (1996, p. 81), “é uma peça importante no trabalho científico e pode, por ela mesma, constituir um trabalho de pesquisa”. Assim, é necessária uma análise bibliográfica de livros, cujos autores discorrem sobre

problema estabelecido aqui. Para tanto, lançamos mão de escritores que fizeram análises literárias do conteúdo trabalhado por nós, bem como de historiadores que procuram em suas obras estabelecer a ligação do homem dentro de um contexto social.

Recorremo-nos a historiadores que procuraram demonstrar como a fronteira e a natureza envolvem os seres humanos na busca por melhores condições, luta que o homem trava quando se dispõe a sair de sua zona de conforto, procurando outros lugares para se estabelecer. Assim, passamos por Turner, Martins, Holanda, Oliveira, Murari e McCreery, autores que discutiram tão essa relação homem/ natureza.

Procuramos nos fundamentar nos pressupostos da História & História Cultural de Pesavento (2004), buscando, como a autora diz, demonstrar a relação escrita/produção, quando o historiador elenca questionamentos sobre quem fala e de onde fala, ao centrar-se no texto, observando o que se fala e como se fala, percebendo o que realmente o historiador quer discutir.

Nesta pesquisa, estudamos as novas formas de abordar o passado que levaram os historiadores a reconhecer o papel relevante e ativo da linguagem, dos textos e das composições narrativas em seus modos de criar e descrever a realidade histórica (KRAMER, 1992). Ainda, sobre a importância da literatura na produção, podemos dizer que compreensão e explicação são princípios de método, a primeira trabalha com a descoberta significativa imanente à obra em estudo; a segunda é a inserção de tal estrutura, como elemento obrigatório e funcional, numa estrutura maior, a qual o pesquisador só necessita explorar caso seja necessário para tornar clara a gênese da obra que analisa (VELLOSO, 1988).

Neste contexto é que percebemos, segundo Velloso (1988), que tanto a obra histórica pode guardar subjetividade, quanto a literária a realidade objetiva, deste modo a obra literária também pode proporcionar um retrato de época. Ela busca na história interpretar de maneira poética a realidade posta. Nesse sentido é que utilizamos a literatura não como uma fonte histórica em si, mas uma fonte de valor histórico, na medida em que ela, a literatura, apresenta e representa sensibilidades, expressões e manifestações da vida cotidiana. Por isso é que os textos escolhidos refletem as relações cotidianas e suas sensibilidades, envolvendo

as temáticas da fronteira e natureza.

Quando da exploração da temática deste trabalho, tentamos mostrar como homem do cerrado (também chamado sertão) enfrentava a natureza e sua luta pela sobrevivência. Deste modo, pudemos perceber a visão de mundo impregnada na vida dos habitantes dos esquecidos ermos (deserto, isolado) e gerais (lugar de terras não utilizadas).

De acordo com Silva (2009, p.85), nos discursos de colonização e expansão para o Centro-oeste brasileiro, a natureza era considerada como empecilho para aqueles que se embrenhavam para o sertão a fim de buscar uma vida melhor, pois impedia o progresso – era o que diziam os discursos governamentais – isso era percebido nas narrativas literárias e documentais das décadas de 1940 e 1950.

É preciso, ainda, observarmos que no desenrolar desta pesquisa estabeleceu-se uma relação interdisciplinar, englobando literatura, meio ambiente, história e sociedade, já que ao discutirmos as relações do homem com a natureza, a partir dos contos literários na obra de Bernardo Élis, buscaremos compreender como esse homem viveu e estabeleceu-se no Cerrado, produzindo, formando uma nova sociedade, procurando novos saberes.

Assim, buscando perceber essa relação, precisamos nos lembrar de Leff (2004) quando ele nos diz que o saber ambiental surge de uma compreensão de uma nova relação entre o ser e o saber. O saber ambiental não é um imaginário, saber tudo sobre o ambiente, mas é um projeto em construção para conhecer a vida do mundo e os sujeitos que dela fazem parte. Esses sujeitos acabam por transformar esse objeto do conhecimento de si mesmos.

No primeiro capítulo, apresentamos um breve relato sobre a vida e a obra de Bernardo Élis. Para tal, procuramos nos basear nos livros de análises literárias que falam a respeito da vida do autor, como os de Almeida (1985) e Cândido (2000), no livro organizado por Unes (2005) e no acervo da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) guardião do maior acervo literário sobre Élis.

O capítulo dois apresenta uma discussão do tema Fronteira e suas implicações nos contos de Bernardo Élis, passando por Turner (2010), Holanda (2008), Martins (2012), Martins (2000), Oliveira (2000), Wergner (2000) e Henessy

(1978) a fim de que possamos entender como a fronteira aparece nos contos de Élis.

No terceiro capítulo, tratamos da natureza, assim como suas representações da fronteira cerrado na literatura de Bernardo Élis. Procuramos nos embasar em Veloso (1988), Pesavento (2008), Murari (2009) a fim de discutirmos as representações da cultura e natureza na obra de Élis. Neste capítulo, ao analisarmos o conto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*”, lançamos mão de trechos apresentados por nós e publicados nos anais do XXVII Simpósio Nacional de História, em Natal–RN, aguardando, ainda, resposta de publicação em revista da Universidade de Brasília (UNB).

Desta forma, este trabalho buscou mostrar como se relacionam a literatura e a história ambiental na construção das narrativas literárias de Bernardo Élis, cujos cenários e personagens, de acordo com Murari (2009), acabaram por se tornar objetos de pesquisas que era preciso conhecer, registrar, inventariar.

## **CAPÍTULO I**

### **UM BREVE RELATO BIOGRÁFICO: LITERATURA, VIDA E OBRA DE BERNARDO ÉLIS**

Considerando que esse trabalho tem por objetivo analisar a fronteira e natureza na obra de Bernardo Élis, entendemos que, de início, é fundamental uma apresentação do autor a partir de suas experiências e da forma como essas experiências e vivências foram assimiladas em sua literatura. A compreensão de como o sertão goiano, Cerrado distante, lugar fim-de-mundo, aparece em suas narrativas e em seus personagens. Cenários dos campos e fazendas goianas, vida cotidiana, dominação, conflitos nas relações humanas e do homem com a natureza.

As fontes para descrever a biografia de Bernardo Élis foram encontradas nos livros de análises literárias de Nely Alves de Almeida e Antônio Candido, na AGEPEL: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, editora que organizou um livro sobre Bernardo Élis, intitulado *Vida e Obra* no qual vários autores escreveram sobre Élis e, ainda, no Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulálio” (CEDAE) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) que adquiriu desde recortes de jornais acerca de Bernardo Élis, dissertações, teses, ensaios e artigos, formando um acervo fenomenal, que se encontra disponível na universidade para quem queira consultar. Muitas falas que aqui aparecem são fruto de entrevista concedida na Itália a Giovanni Ricciardi. Intitulada *A vida são as obras*, que também se encontra no acervo da Unicamp.

Bernardo Élis Fleury Campos Curado nasceu em 15 de novembro de 1915, na cidade de Corumbá – Goiás, filho de Erico José Curado e Marieta Campos Fleury Curado. A família dos Fleury Curado era de classe média urbana – ou eram

comerciantes, ou funcionários públicos. Eles vieram para Goiás com Bartolomeu Bueno da Silva, o segundo Anhanguera. Conforme o próprio Bernardo Élis (1979, p.vi) “os Fleury Curado é em geral pobre, mas se é fazendeiro, aí é miserável”.

Élis é um escritor de grande relevância na literatura goiana, suas obras fazem uma relação com a história, possibilitando uma melhor averiguação dos aspectos por onde passam a ficção e a realidade em suas obras. Mesmo porque, o autor viveu grande parte de sua vida no interior de Goiás, vivenciando a realidade histórica e social desses lugares, tratando de modo diferente, particular, os fatos históricos que por lá se desenrolavam.

De acordo com Wolne Unes (2005, p.8)

Bernardo Élis foi um escritor que teve o privilégio (ou dissabor) de ser testemunhas das grandes mudanças ocorridas no Centro-Oeste ao longo do século XX: a partir da mudança da capital de Goiás, passando pela construção de Brasília, e culminando na inserção definitiva da região na economia nacional, sua sensibilidade política e de escritor permitiu-lhe perceber essas mudanças e usá-las como pano de fundo de grande parte de suas obras.

Tanto é verdade, que Bernardo Élis em todos os seus livros destacou o espaço e a história desse Oeste em suas obras e, ainda, como ninguém, soube escrever a cultura do interior do Brasil, evidenciando o modo de vida do povo dessa região. Ele foi um escritor irreverente, não estava preocupado em seguir regras pré-estabelecidas para quem escreve, nem se ateuve às normas da gramática padrão, todavia, não as esmagou. Usou em tom coloquial e despreocupado, deixando de lado as amarras da sintaxe, usando seus neologismos com palavras do meio rural, uma linguagem pura, ingênua, que deixa fluir a alma do ser humano retratado por ele (MELAZZO, 1990).

Seu primeiro livro *Ermos e Gerais* foi publicado em 1944, sendo reconhecido nacionalmente, recolocando Goiás na literatura brasileira. Seu livro de romance *O tronco* foi publicado em 1956 e trouxe como temática os expedientes políticos usados pelos coronéis para realização de seus desmandos (ALMEIDA, 1985). Já em 1965 publica os contos *Caminhos e descaminhos* pelo qual recebe o prêmio José Lins do Rego. Em 1966, Élis publica o livro de contos *Veranico de*

*Janeiro*, recebendo por ele o prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro (MARCHEZAN, 2005).

Continuando sua trajetória de escritor bem sucedido, em 1967, ele recebeu o prêmio Affonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, por *Caminhos e descaminhos* e publica, em 1975, livro de contos que leva o mesmo nome. Nesse ano, também, foi eleito para cadeira número um da Academia Brasileira de Letras, quando foi recepcionado pelo acadêmico Aurélio Buarque de Holanda. Foi o primeiro goiano a ingressar nessa seleta Academia, concorrendo para esta cadeira com ex-presidente Juscelino Kubitschek. Seguindo, ainda, a direção de escritor empenhado com a literatura, em 1978, publicou outro livro de contos – *André Louco* – neste mesmo ano a censura federal proibiu a exibição do programa “Caso Especial”, da Rede Globo, baseado no seu conto *A enxada* (MARCHEZAN, 2005).

De acordo com Marchezan (2005), quando a anistia foi anunciada, Bernardo Élis retornou para a Escola Técnica Federal e para Universidade de Goiás, sendo nomeado, nessa época, ao cargo de diretor adjunto do Instituto Nacional do Livro, fazendo, também, parte do Conselho Federal de Cultura. Em 1984, ele publicou outro livro de contos, com o nome de *Apenas um violão*, seguido, em 1987, pelo romance *Chegou o governador*. Neste ano, recebeu da Fundação Cultural de Brasília o prêmio *Candango*, pelo conjunto de sua obra. Esse ano típico terminou com a publicação, em cinco volumes, pela Livraria José Olympio, da Coleção Alma de Goiás, denominada *Obra Reunida de Bernardo Élis*, incluindo, também, seus ensaios e crônicas.

No final da década de 90, mas precisamente, em 1996, a Unicamp, por meio de seu Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – Cedae – adquiriu o acervo do escritor, “denominado Fundo Bernardo Élis, contendo 1.400 artigos que compõem a fortuna crítica de sua obra” (MARCHEZAN, 2005, p. XXXIV). Um ano depois, em 30 de novembro, o escritor faleceu.

Poucos anos, antes de sua morte, em entrevista a Giovanni Ricciardi, professor *Do Instituto de Lingua e Letteratura Spagnola e Porthoghese da Facultá di Lingua e Litterature Straniere*, em Bari, Itália, Bernardo Élis respondeu assim à pergunta se, ao escrever, ele percebia algum traço de autocensuras, temores em revelar algo, impedimentos?

Sou sujeito a vários tipos de autocensura, temor em revelar laços e impedimentos no ato de fazer minha literatura. Tais inibições se agravam porque desde meus primeiros livros fui acusado de me valer de fatos familiares para sobre eles construir minha obra. Isso não é verdade. O que ocorre é que até há uns 15 anos, ou seja, começo de 1970, a sociedade goiana era muito homogênea, pelo seu isolamento e por sua integração familiar. Assim, os protótipos por mim criados identificam-se com os próprios representantes desses protótipos, os quais entendiam que eu os estava retratando. Entretanto, na verdade, nunca retratei ninguém (ÉLIS, 1989, p.103).

Percebemos nesse trecho de entrevista que, na verdade, Élis queria mesmo retratar os seres humanos presentes nesse sertão goiano, com suas agruras, anseios e frustrações. Ainda, em resposta a como, quando e por que começou a escrever, Élis (1989, p.53 -54) responde:

Foi por imitação que comecei a escrever: imitação ao meu pai no próprio ato de escrever e depois imitação de alguns escritores com cuja obra sentia identificar-me. [...]

Não posso negar que foi meu pai que despertou em mim o gosto literário. De uma certa forma, dadas as peculiaridades de seu temperamento, tinha orgulho de ser escritor. [...] Para ele, os mais dignos e brilhantes homens seriam os artistas cuja figura reverenciava constantemente – os escritores, os músicos, pintores, escultores, filósofos, pensadores, cientistas.

[...]

Meu costumava escrever seus trabalhos literários e os ler para que nós ouvíssemos. Dizia que queria saber se teria conseguido transmitir o pensamento de forma cabal e de maneira agradável.

[...]

A partir dessas leituras, eu percebi que também poderia fazer alguma coisa escrita e escrevi meu primeiro conto, uma longa estória de assombração calcada em um conto sertanejo e Afonso Arinos, escritor elogiado pelo meu pai.

[...]

Por que comecei a escrever? a) Para imitar meu pai; b) para imitar aquelas obras que se afinavam com a minha visão de mundo; c) para explicar a mim mesmo certos aspectos que me pareciam estranhos no mundo e nos homens e d) para externar sentimentos, emoções, expressões inibidas por minha timidez.

Bernardo Élis, sempre se considerou uma pessoa tímida, talvez pelo

modelo de educação recebida, talvez por não ter sido o primogênito, que poderia reclamar, falar o que pensava. Rosa, a garota que veio para sua casa ainda pequena, foi um exemplo que o tirou dessa situação, segundo ele próprio, “maria-vai-com-as-outras”, pois mesmo sendo uma empregada, não tendo sequer um lugar para que chamasse de seu, nem mesmo o pai vinha vê-la, não tinha em quem se apoiar, no entanto era um poço de dignidade, “de valentia, de convicções, não importa se certas ou erradas; o importante, o indispensável, é que tinha lá suas próprias opções, suas próprias convicções, e por elas lutava com bravura. Rosa sabia afirmar-se perante o mundo com sua personalidade (ÉLIS, 1989). Segundo Élis (1989, p.34) Rosa

foi pessoa importante na minha vida. [...] Conhecia estórias populares, desse velho populário ibérico da Moura Torta, Pedro Malazarte, Príncipe Dom Duardo, história da Carochinha, do Trancoso, de Roberto Diabo, da Branca de Neve, Joãozinho mais Maria e tantas outras do terrível trágico. [...] Contudo, Rosa nunca aprendeu a ler e escrever.

Rosa era uma mulher de grande sabedoria mesmo nunca tendo aprendido a ler e a escrever, possuía uma memória fantástica que fazia Bernardo e seu irmão sentirem-se tristes por não conseguirem guardar na memória as lições dadas pelo pai. Todos da casa tentaram introduzir Rosa no mundo dos alfabetizados, mas todas as tentativas foram em vão. Ela era de gênio forte, convicta do que queria e muito perseverante. Havia até uma história sobre Rosa, dizendo que o fato de ela ser ruda (não conseguia aprender sobre as coisas) era porque, sem que ninguém visse, ela entrava na despensa e comia tudo que havia de melhor, inclusive o queijo, considerado alimento raro. Menino que comesse queijo ficava burro e esse, então, seria a prova do porquê Rosa não conseguia aprender (ÉLIS, 1989).

Os presentes mais interessantes e belos que Bernardo ganhou foram de Rosa, um canivete e uma bola de borracha. Muito diferentes dos presentes dados pelos pais, que só lhe davam coisas que tivessem utilidade prática, não eram brinquedos, coisas de que crianças gostavam (Élis, 1989). Mais uma prova de que Rosa com sabedoria sabia como ninguém as necessidades dos pequenos. Boa

parte das histórias que permearam a vida de Élis foi construída a partir da cultura e do saber de Rosa. Enquanto minha mãe tinha problemas para nos revelar o verdadeiro significado das histórias que nos contava, Rosa

nos narrava de morte e assombrações, de feiticeiros e fadas miraculosas, as inúmeras assombrações que moravam em cada recanto da casa, em cada beco, em cada esquina com os quais éramos ameaçados a cada instante. Nossa educação era baseada no medo. Tudo era perigoso. [...] O rio era um perigo permanente por suas febres, por seus poços sem fundo, pela correnteza arrebatadora. [...] Meus Deus como era difícil chegar até o rio, entrar em suas águas cristalinas (ÉLIS, 1989, p. 42)

Rosa sempre contava história que ninguém dos “educados” gostavam de narrar. Ela não temia censura, tinha seu jeito especial de transformar as histórias, sempre consciente de si mesma, certa de suas convicções, fossem elas corretas ou não. Rosa foi um exemplo para Bernardo Élis de dona de si própria. Esse exemplo, serviu, desde então, para que ele tomasse posse de seus sentimentos e pensamentos, externando-os, mesmo que fosse criticado ou desagradasse alguém e, ainda, as vivências e experiências com Rosa vão introduzir o autor no universo do maravilhoso, que sutilmente aparece em sua obra.

### **1.1 - Reflexões sobre a literatura de Bernardo Élis**

Nosso objetivo nesta pesquisa não é o de fazer uma análise literária da obra de Élis, mas sim de fragmentos, sobretudo os encontrados nos contos aqui estudados como *A enxada*, do livro *Veranico de Janeiro, Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá e A crueldade benéfica de Tambiú* presentes no livro *Ermos e Gerais*, porque Bernardo Élis traduziu o Cerrado, o sertão de Goiás, não só como representação natural, como também as vivências do homem do Cerrado, sua lutas, seus sofrimentos, angústias, seus desejos.

Segundo Barbosa (2008), um dado significativo na literatura de Bernardo Élis, dá-se ao fato de que ele inaugura uma “literatura do Oeste”. O sertão nordestino já havia sido descrito por um conjunto de regionalistas que cumpria o papel de representar, por meio do realismo-naturalista, as paisagens do agreste do Brasil. Bernardo Élis se apropria do realismo-naturalista para a construção de uma narrativa “goiano-mineira”:

Desde o aparecimento de *Ermos e Gerais*, em 1944, Bernardo Élis se tornou vanguardista de um novo ciclo da ficção brasileira - o do sertanismo goiano-mineiro. Cronologicamente, é ele o primeiro. Vieram depois Guimarães Rosa (*Sagarana* é de 1946), Mário Palmério (*Com Vila dos Confins*, em 1956) e José J. Veiga (*Os Cavalinhos de Platiplanto*, 1959). E a literatura do Oeste passou a competir em prestígio e significado nacional com a literatura do Nordeste, que se havia transformado numa literatura líder, a partir da fornada dos grandes romances de conteúdo social iniciada com *A bagaceira*, de José Américo de Almeida. A literatura do Nordeste ficou ligada à Revolução de 1930. (BARBOSA, 2008, p. xi-xiv).

A literatura pode nos levar de forma surpreendente a calar-nos diante do iríamos dizer, ou faz-nos “passar mal por reconhecer a feição ardida do desprazer posto pelo homem em estado de existência” (GONÇALVES, 2005, p. 49). Tudo isso nos revela a obra de Bernardo Élis, é o sertão goiano representado pelo sertanejo em situações que só são vivenciadas no sertão de Goiás. O regionalismo universal que se vale da matéria-prima exclusivamente regional.

Esse universo é o tecido por Élis, são elementos de que ele se apropria para construção de seus contos. São elementos conhecidos e descritíveis das relações familiares, levando-nos a deparar com o absurdo, fantástico, em um lugar esquecido, mas que é irreparavelmente verdadeiro. Em sua obra, ele escolheu trabalhar com figuras, que estavam inseridas num referente sertanejo, várias vezes de cunho selvagem. De acordo com Jorge (2005, p. 83 - 84)

Bernardo Élis, apesar da agilidade e concisão de linguagem, não se pode desprezar os elementos mínimos indispensáveis em suas escrituras, a fim de deixar emergir o real sentimento dos personagens e melhor compreensão das histórias, sem correr o risco de distanciar-se dos limites do real e do irreal, um se mesclando ao outro, ao passo de nada.

[...]

[...] a esfera de suas ideias giram em torno do arrepio de pele, do assombroso, das coisas que causam comoção do corpo, ou do espírito entrando em crise.

Suas obras trazem uma linguagem que mostra agilidade e concisão, embora Élis não abra mão dos detalhes, deixando vir à tona o real sentimento de suas

personagens, mantendo a linha tênue que separa o real do irreal (SILVA; BANDEIRA; TAVARES, 2013). Os aspectos linguísticos são relevantes e, segundo Almeida (2005, p. 46) “Os recursos de linguagem de que lança mão enquadram-no entre os autores que merecem acurado estudo, não apenas com o que se relaciona com o conteúdo, mas com o que diz respeito ao aspecto linguístico que suas obras apresentam”.

O escritor Mário de Andrade escreveu para Bernardo Élis o seguinte comentário:

Você tem a qualidade principal pra quem se aplica a ficção: o dom de impor na gente, de evidenciar a ‘sua’ realidade, pouco importando que esta ‘sua realidade’ seja ou não o real da vida real. Enfim: jamais a gente percebe nos escritos de você aquele ranço do ‘documento’, tão prejudicial à ficção legítima. Você pega o documento e com ótima desenvoltura o transfere num elemento seu, como nascido de você, criando aquela ‘realidade mais real que o real’, que é do melhor espírito e força da ficção.<sup>1</sup>

Os contos bernadianos apresentam a história do sertão de Goiás, mas de uma maneira extremamente diferente dos documentários escritos por outros autores. Como afirmou Mário de Andrade, é uma realidade que brota do íntimo do escritor, construindo seu mundo real através da ficção. Quando da publicação de *Veranico de Janeiro*, Antônio Cândido, também teceu seu comentário a respeito de Bernardo Élis, escrevendo “A minha impressão é que subiu a uma altura de mestre original com ‘Veranico de Janeiro’, e que na literatura brasileira poucos podem gabar-se de ter encontrado uma fórmula narrativa tão eficiente”.

Élis escreveu, como ninguém, a realidade da vida do sertanejo goiano, pois vivenciou e foi influenciado intelecto e subjetivamente por esse lugar. Isto está, de modo claro, em sua obra que mostra a natureza, os personagens, os lugares, a linguagem daqueles que habitavam o sertão de Goiás. De acordo com Almeida (1985), o escritor regionalista tem um estilo diferente de expor suas ideias, ele procura a linguagem simples do povo para que fiquem mais claras suas ideias. Assim, ele traz para sua obra os ruralismos, a linguagem em toda a sua essência, capazes de transmitir o tempo social e econômico em que vivem seus personagens.

O modo de construção dos seus contos bernadianos, conforme

---

<sup>1</sup> In: *Veranico de Janeiro*, 4ª Ed. 1979: a obra de Bernardo Élis julgada pela crítica.

Gonçalves (2005), segue três etapas, compreendidas como essenciais na justificativa do uso da linguagem empregada por Élis, que são a composição, realização e modulação, pois em cada uma dessas etapas há o esclarecimento sobre a linha tênue e tensa entre regionalismo e universalismo.

Bernardo Élis representa, hoje, o ápice da ficção regional em Goiás, alcançando dimensão nacional, com sua forma peculiar de tratar a língua (ALMEIDA, 1985). Ele fez a transição entre o regionalismo romântico para o regionalismo crítico sem que se perdesse a essência do caráter regionalista, tão presente em sua literatura até hoje.

Bernardo Élis marcou a presença de Goiás no cenário literário, tanto com o conteúdo de suas obras quanto à linguagem regionalista, estando ao lado de Graciliano Ramos, Monteiro Lobato, Mário Palmério, Guimarães Rosa e outros que fazem parte dessa seleta classe. Segundo os estudos de Carvalho (2013, p. 62) “Embora não siga a linha de Guimarães Rosa, é dono de uma força verbal extraordinária e pode ser considerado seu precursor, haja vista que seu primeiro livro de contos, *Ermos e Gerais*, data de 1944, e *Sagarana*, primeiro livro de contos de Rosa é de 1946”.

Nos estudos de Carvalho (2013), a autora analisa, em uma comparação, a relação da literatura e história social na literatura “tocantinense”, observando a interlocução entre autores, obras e contextos. Para isso, ela toma o romance *O tronco* de Bernardo Élis, como referência, por considerá-lo, da trilogia estudada a que se propôs estudar, a matriz dos outros textos: *Quinta-feira Sangrenta*, de Osvaldo Rodrigues Póvoa e *Serra dos Pilões - Jagunços e Tropeiros*, de Moura Lima.

Campos (2008, p.7) ao estudar a “risibilidade na contística de Bernardo Élis” – risibilidade, em literatura, “característica, atributo do que é risível; comicidade; [...] disposição para rir” (HOUAISS, 2001, p. 2462) - afirma que

[...] suas histórias são repletas de agressividade e no seu conteúdo a violência brutal e a morte gratuita, entre outras coisas, quer expressar a difícil relação do ser humano. Esse fator tem contribuído bastante para o reconhecimento de Bernardo Élis pela crítica especializada como um autor que demonstra um engajamento político e social. É preciso compreender que a obra desse escritor,

que sem dúvida é marcada pela ideia do protesto, ao mesmo tempo em que discute um conteúdo fortemente trágico, sério, grave, sublime, por outro lado, introduz os elementos do riso, como um mecanismo para equilibrar os sentimentos do leitor.

Isso acontece em alguns contos de sua obra, como o que será trabalhado nesta pesquisa, *A crueldade benéfica de Tambiú*. É um humor às avessas, afinal traz em seu bojo o medo dessas vidas que integram o sertão goiano, fazendo rir nas situações grotescas e absurdas, fazendo uma mistura interessante entre “o pitoresco, o vulgar, o precioso” (ALMEIDA, 1985, p.45). A mesma autora afirma que

sua fala define sua obra literária. Os recursos da linguagem de que lança mão enquadram-no entre os autores que merecem acurado estudo, não apenas com o que se relaciona com o conteúdo, mas com o que diz respeito ao aspecto linguístico que suas obras apresentam (ALMEIDA, 1985, p.45).

O texto de Bernardo Élis tem força, é todo tecido baseado na oralidade de uma região, mas não divisa geograficamente qual seja. Ele usou uma linguagem peculiar, só sua, relacionada com sua vivência, soube muito bem empregar a língua portuguesa e, como escreveu Almeida (1985, p. 54) “Abrasileirou o português literário, como todos modernistas, salpicando-o, em abundância, de arcaísmos, dando-lhe toques de originalidade e beleza”.

A literatura de Bernardo Élis também reflete sua militância política no Partido Comunista Brasileiro (PCB), pois desde antes de publicar seu livro *Ermos e Gerais*, Bernardo já fazia parte do partido e, segundo ele, a sua entrada no Partido Comunista foi difícil, já que não conhecia praticamente ninguém que o ajudasse nessa empreitada. O PCB, mesmo não tendo traçado seu perfil cultural, recebia os intelectuais da época que se ajuntavam em volta do partido, procurando fazer a defesa do que fosse nacional e popular. Apesar de sua origem ser de família tradicional goiana, Bernardo Élis não se furtou à empreitada de representante da literatura do povo de Goiás (FREDERICO, 2005).

A obra de Bernardo Élis denuncia o estado de violência a que os menos favorecidos eram expostos. No seu conto *A enxada*, ele deixa claro o poder dos coronéis sobre as autoridades locais e dos desmandos cometidos pelos homens

encarregados de manter a lei. *Piano* não foi poupado de seu destino. Foi morto pelos soldados do local. Já no conto *A crueldade benéfica de Tambiú* relata como os marginais cometiam seus crimes e nem sequer eram punidos, fugindo de um lugar para outro, além, ainda, de mostrar que a maioria da terra pertencia aos poderosos coronéis da época, que com ou sem ditadura continuavam a mandar. Bernardo Élis, em entrevista a Giovanni Ricciardi, disse “Tentei [...] fazer da literatura uma arma de denúncia contra semelhante situação, sem, contudo, abandonar de todo meu projeto de sair de Goiás (ÉLIS, 1989, p.60).

Os trabalhos e estudos acima apresentados sobre Bernardo Élis representam um pequeno fragmento de sua vida e obra. No entanto, gostaríamos de ressaltar que, a inovação da nossa pesquisa está no fato de que, em nenhum deles houve a preocupação em analisar as representações do território (a fronteira, o sertão, os ermos, as gerais) e, ainda, de suas características fitogeográficas (o cerrado, a natureza, os elementos naturais). Dessa forma, nos capítulos seguintes serão analisados esses elementos, bem como o diálogo destes com o próprio autor, na medida em que ele não se ausenta das paisagens e nem se omite das vivências. O autor revela a sua ideologia, bem como seus valores políticos se manifestam na denúncia da violência e do abuso do poder e do desamparo que se encontrava o sertão, tão ermo, tão goiano.

## CAPÍTULO II

### A FRONTEIRA: BASES TEÓRICAS PARA A DISCUSSÃO DE NATUREZA E TERRITÓRIO EM BERNARDO ÉLIS

Este capítulo tem por finalidade debater o tema fronteira a partir das diferentes concepções e implicações que derivaram do conceito clássico apresentado por Turner (2010). A fronteira é vista muito mais do que um território geográfico, mas também como o espaço da natureza e das relações sociais que se processam nesse contexto em que sociedade e natureza se interagem. Enquanto nos Estados Unidos a literatura de fronteira manteve-se atrelada à construção da identidade e de um estilo de vida que se constitui na relação do pioneiro e no cenário natural (TURNER, 2010), no Brasil, país de dimensão continental, a conquista do território esteve ligada à visão maravilhada de prosperidade nas regiões de fronteira, especialmente nos discursos da Marcha para Oeste (RICARDO, 1959).

Todavia, para falarmos de fronteira, é preciso que nos voltemos para o primeiro conceito clássico, a partir do qual foram surgindo outras acepções. Assim, é necessário que busquemos em Frederick Jackson Turner (2010) o ponto de partida para essa discussão. Turner (2010) foi um dos mais importantes historiadores norte-americanos e é considerado o pai da história moderna dos Estados Unidos. Sua obra mais famosa, *The Significance of Frontier in American History*, demandava a centralidade do processo de expansão para o desenvolvimento da democracia em terras americanas.

No século XIX, Turner (2010) começa a criar aquela que seria a base para sua tese de fronteira, isto é, a visão de que fronteira não era algo estático como queria a Europa, mas sim, algo que se movia em um processo contínuo, grande propulsor do desenvolvimento norte-americano. Esse constante movimento levou a América ao seu progresso. Os pioneiros da expansão do território americano na conquista para o Oeste foram considerados “os pais fundadores” desse território. Foi nesse contexto que Turner (2010) começou a analisar os aspectos econômicos e sociais, decisivos para o movimento expansionista.

No Brasil o termo fronteira abrange diferentes concepções tais como Sertão, Ermo, Gerais. O conceito de Sertão, segundo Arruda (2000, p.256), é “o local aonde a civilização não chegou” desse modo, para o bandeirante que partiu a fim de conquistar o oeste brasileiro, tudo que não ficava próximo a São Paulo era considerado sertão, principalmente as terras que estavam a oeste. Já Ermo, de acordo com Michaelis (2004), pode significar lugar desabitado, despovoado, deserto, e era assim que o oeste brasileiro era visto. Gerais também foi outro termo atribuído pelos bandeirantes para as regiões afastadas dos centros de poder, apartados do mundo civilizado. Bernardo Élis não usa o termo fronteira, no entanto, utiliza outros termos como Sertão, Gerais, Ermos para designar o território que conhecemos como cerrado.

Na tradição histórica do Brasil, autores como Martins, Oliveira, Holanda Wegner (2000), dentre outros, fundamentaram-se em Turner (2010) e nas críticas ou debates em torno do conceito estabelecido por ele, construindo conceitos diferentes para explicar o processo de expansão para o oeste brasileiro.

Nesse sentido, as discussões propostas nesses capítulos servirão como base teórico-metodológica para a compreensão da relação entre sociedade e natureza, tendo como pano de fundo os textos literários de Bernardo Elis. Os textos literários não serão base de análise nesse capítulo. Todavia, entendemos que é fundamental a compreensão do conceito clássico de fronteira, e sua relação com a natureza (*Wilderness*) que serão discutidos nesse capítulo, uma vez que a abordagem clássica serve como sustentação aos objetivos propostos nessa pesquisa.

## 1.1. Fronteira: um conceito clássico

A fim de nos aproximar do conceito de fronteira, primeiro convém fazermos uma consideração a respeito do que foi apresentado por Turner (2010) quando da apresentação da conferência “The Significance of Frontier in American History”, momento em que ele estabeleceu diferença entre a fronteira para a Europa e para os Estados Unidos no “*World’s Congress of Historians and Historical Students*”. Enquanto para a primeira, fronteira possuía cunho político, com significação geográfica - separação de países, população -; no segundo, ela era a linha divisória entre a “terra povoada” e a “terra livre”, ou ainda, o marco entre o civilizado e o primitivo. Esses dois aspectos, referentes à fronteira nos Estados Unidos, pode-se afirmar, constituem a base para a tese de Turner (WERGNER, 2000).

Esse duplo sentido de fronteira está presente na palavra *Wilderness*, que tanto pode significar *deserto*, quanto *selvagem*. Foi o trabalho de Nash (2001) que se aproximou ainda mais dessa temática, na medida em que procurava associar a história americana não apenas no contexto da fronteira, mas também do papel que a *Wilderness*, ou natureza, se apresentava a esta sociedade historicamente. Para Turner (2010), esse era o lugar onde os colonos poderiam buscar outras condições para se viver, servindo, também, como uma motivação para alcançar a igualdade de oportunidades ofertadas pelas terras desabitadas e, por que não dizer, um permanente reencontro entre o civilizado e o primitivo. E se assim podemos dizer, é na fronteira que o desbravador retorna a seu estado primitivo, na busca por algo melhor, rumo ao que é civilizado. A fronteira foi como uma válvula de escape da escravidão e exploração sofrida no passado.

Portanto, conforme Turner (2010), na fronteira “o ambiente é, a princípio, muito mais forte para o homem. Este deve aceitar as condições que o ambiente fornece, ou perece, então ele se adapta às clareiras indígenas e segue em suas trilhas. Pouco a pouco ele transforma a selva e deserto [...]” (TURNER, 2010).

Ainda, de acordo com Turner (2010), a fronteira foi o grande propulsor do desenvolvimento social dos norte-americanos e a base principal de sua extraordinária evolução diante das outras nações da Terra. Ele deixava de lado a

ideia de fronteira fixa, como a europeia, inseria uma nova noção de fronteira – a que vivia um processo constante de movimento, do Atlântico ao Pacífico. Assim sendo, fazia a análise de variados elementos econômicos e sociais que foram decisivos para o movimento expansionista.

De acordo com Avila (2005), a tese de Turner sobre a fronteira sofreu uma variedade de críticas depois de sua morte. Nas décadas de 30 e 40, muitos historiadores rejeitaram sua tese por considerarem-na insuficiente para explicar a história global americana, achavam-na empírica. Só nas décadas de 50 e 60, ela foi retomada por historiadores que se propuseram a falar do Oeste. No final dos anos 60, a *frontier thesis* tornou a cair em descrédito com advento da Nova História Social e, ainda, nos anos 80, sua tese foi descartada. No entanto, essa afirmação de Lima (2005) não pode ser tomada em sua totalidade, haja vista a grande influência de Turner nos intérpretes do Brasil, principalmente, por aqueles que trabalham com território.

Apesar das críticas, Turner (2010) tem, finalmente, sua tese reconhecida, até mesmo pelos seus mais ferrenhos opositores, pois ela é uma grande referência e um texto de grande notoriedade, um clássico no que concerne à questão do conceito de fronteira. Vale lembrar que Turner (2010) sempre orientou seus “discípulos” a repensarem suas afirmações definitivas, porque os homens vão sempre reescrevendo sua história.

A partir de Turner (2010), percebemos que fronteira pode abarcar conceitos diversos, dependendo do ponto de vista que se quer estabelecer. De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa Houaiss (2001, p. 1394) fronteira significa “parte extrema de uma área, região, etc., a parte limítrofe de um espaço em relação a outro; [...]; o marco, a raia, a linha divisória entre duas áreas, regiões, estados, países; [...]”.

Holanda (2008), em seu livro *Caminhos e fronteiras*, contrariando conceito de fronteira em Turner (2010), uma vez que os estudos do americano concentravam-se na expansão do território norte-americano, portanto, uma história única, escreve logo na abertura de seu livro:

De qualquer modo seria injustificável a pretensão de aplicar os esquemas de Turner (2010) às condições que se criaram no Brasil e se associaram à sua extensão geográfica. O contraste entre as

ações e reações dos herdeiros de um João Ramalho, por exemplo [...], e a dos *pioneers* da América anglo-saxônica é, com efeito, tão obviamente radical quanto o será, sem dúvida, o que subsiste entre as consequências próximas ou remotas que delas podem decorrer. (HOLANDA, 2008, p. 13).

Por incrível que possa parecer, Holanda se aproximou um pouco de Turner (2010) quando da escritura de seu livro, pois ele aborda situações que surgiram do contato entre uma população que chegava com as pessoas que habitavam o lugar. Todavia, parece só aí se convergirem, haja vista que a conquista do oeste brasileiro diferenciou-se, e muito, da do oeste americano. O resultado do contato entre os que chegavam e os que ali se encontravam não era como os da história de Turner (2010).

O sertanista, como chamado por Holanda (2008), era o homem aventureiro que se embrenhava pelo sertão a fim de descobrir novos caminhos e lugares, porém esse sertanista se transformava em um homem de fronteira, já que ele considerava o nativo como parte da natureza, sem subjetividades ou capacidade cultural e, por isso, também deveria ser conquistado.

Em *Raízes do Brasi*, por exemplo, a obra de Holanda (2008), pode-se aproximar da de Turner (2010), porém com uma construção diferente, principalmente no que se refere à questão histórica. Enquanto na história norte-americana há subordinação do homem frente à natureza, no Brasil, essa situação dá-se de modo ambíguo. Assim, ela aconteceu pelo chamado do “paraíso” e ainda pelo aspecto temporal. A narrativa de Turner (2010) acontece de forma rápida, já a de Holanda (2008) vai se desenrolando lentamente. O processo de adaptação da fronteira é feito de modo moroso. O autor esmerou-se em descrever cada detalhe da “aventura” do sertanista que ia desde o modo de caminhar até ao estudo das plantas. Novais, prefaceando *Caminhos e Fronteiras*, mostra-nos, ainda, que

Não importava que fosse uma colaboração absolutamente involuntária e indireta, como chega a sugerir Orville Derby, ao assegurar que os sertanistas ‘apenas seguiam caminhos já existentes pelos quais se comunicavam entre si os índios de diversas tribos relacionadas, ou grupos de uma mesma tribo’. (NOVAIS, 2008, p. 25)

Nesse caminhar, para adentrar na mata, delineiam-se as trilhas estreitas, construídas pelos índios, é quase uma pintura da atividade dos exploradores do oeste. É como um retorno à natureza. Desse modo, os estudos de Holanda (2008) são relevantes para que

possamos entender porque nos sentimos 'desterrados em nossa própria terra', isto é, sondar as estruturas mais profundas de nosso modo de ser, para visualizar as possibilidades de modernização que nos reserva o futuro (NOVAIS, 2008, p.7).

No âmbito da tese de fronteira, é primordial que se recupere o horizonte natural da época do enfrentamento com as bandeiras.

Já nos estudos de Martins (2012), a fronteira assume a concepção de um lugar onde as sociedades e culturas diferentes se encontram, por que não dizer o encontro entre as sociedades "civilizada" e indígena. A fronteira é local limítrofe, da incerteza e, ainda, da busca desenfreada pelas oportunidades, do novo. Nessa busca incessante, há espoliação dos menos favorecidos – camponês – que são obrigados a aceitar modos e concepções de vida diferentes. Há, também, assassinatos de índios que parecem ser obstáculos para que os "conquistadores" apoderem-se da tão sonhada terra. Martins (2012, p.10) descreve, assim, a fronteira, dizendo que é

[...] um cenário de intolerância, ambição e morte. É, também, lugar da elaboração de uma residual concepção de esperança, atravessada pelo milenarismo da espera no advento do tempo novo, um tempo de redenção, justiça, alegria e fartura. [...] Já no âmbito dos diversos grupos étnicos que estão 'do outro lado', e no âmbito das respectivas concepções do espaço e do homem, a fronteira é, na verdade, ponto limite de territórios que se redefinem continuamente, disputados de diferentes modos por diferentes grupos humanos.

Desse modo, o homem, enquanto ser conquistador e desbravador, tem na fronteira o seu alvo. É preciso ultrapassá-la para se afirmar, mostrar que venceu. É neste cenário que ocorrem os embates de toda ordem, seja de intolerância com aquele que promove obstáculos para que essa conquista se consolide ou de lutas travadas entre os que ocupam o lado diverso. Todavia, esse cenário é uma porta que se abre para uma vida melhor, a busca por um tempo novo que proporcionará

fartura, desenvolvimento econômico, onde o homem possa fincar suas raízes e criar sua família, conquistar seu espaço.

Ainda de acordo com Martins (2012), a fronteira ainda continua sendo um lugar de morte e ressurreição com consequências que vão muito além daqueles que promovem os embates, elas ultrapassam barreiras e chegam à sociedade, como um todo, levando suas implicações conservadoras e inibidoras de “mudanças sociais e da libertação do homem de suas carências mais dramáticas”.

Nesse contexto, a história acerca da fronteira no Brasil – seu deslocamento – passa pelo histórico de resistência, revolta, protesto, de sonhos e esperança, uma vez que a história de fronteira no Brasil foi e é marcada por conflitos étnicos e sociais. O que temos presenciado e assistido até nos dias atuais são lutas de indígenas contra grandes proprietários de terras, envolvendo camponeses e moradores que ali já estavam há muito tempo.

Outro conceito de fronteira pode-se encontrar no trabalho de Oliveira (2000), em que a fronteira assumiu novo significado na medida em que o homem ocidental se encontrou e ao mesmo tempo pôs-se frente a frente com outro do qual ele não tinha conhecimento nem sabia como classificá-lo. Essa era a realidade dos descobridores do Novo Mundo, quando da conquista do oeste americano. Nesse contexto, o índio representava um desafio aos desbravadores. Seriam eles seres inferiores ou atrasados a ponto de convertê-los a uma realidade diferente da trazida pelo homem branco? É o que se perguntavam.

Em resposta a essa questão, a autora afirma que a fronteira apresenta dupla face: a dos elementos explícitos e a dos implícitos. Os primeiros seriam “interação com o novo meio geográfico, relacionamento entre a história local/regional com a nacional, apresentação do chamado ‘homem comum’ como centro da história norte-americana e a expressão do caráter americano; já os segundos elementos seriam:” a questão indígena, o papel do governo federal na ocupação/colonização das novas terras e, por fim, a fantástica expansão territorial” (OLIVEIRA, 2000, p.129).

Voltando a concepção estabelecida por Turner (2010) de que “na fronteira o ambiente é, a princípio, muito mais forte para o homem. [...]”. Podemos afirmar que na fronteira o inusitado acontece, o que se esperava nem sempre é aquilo que se

encontra. Fica evidente que os elementos explícitos apresentam menos dificuldades para a conquista, porque são de ordem geográfica e seguem métodos de organização. No entanto, os elementos implícitos fogem dos padrões pré-estabelecidos, porque se encontram dentro do campo da subjetividade.

Também se pode dizer que na fronteira cria-se o mito, aquele que conseguiu demolir obstáculos a fim de levar o progresso. Esse espaço, também chamado de o *wilderness*, remete-se, assim, a um paradoxo. Que de acordo com Oliveira

é representado por duas imagens antitéticas que se fazem presentes nos mitos gregos e medievais. Uma, a da felicidade, a da ilha bem aventurada, a do paraíso, do lugar e do tempo antes do pecado. A outra, a do inferno, da obscuridade, da morte, do lugar vazio de homens, da solidão, do mundo das trevas (2000, p.127).

O mito da fronteira é, portanto, aquele que conseguiu galgar os empecilhos, desbravar a terra, abrindo-se para um “Novo Mundo”, alcançando a terra prometida e fincando ali suas raízes.

Na conquista do Oeste americano, ainda de acordo com a autora, a história mostra que esses desbravadores foram os representantes de um povo escolhido para habitar aquelas terras, os enviados legais, homens de sucesso, representados pelo homem branco, anglo-saxão e protestante. E nessa terra desconhecida, o homem depara-se com outro homem, com um novo modo de vida, até então, desconhecido, que ele não sabia como classificar, nomear. Mesmo assim, esse pioneiro embrenhou-se pelo ‘sertão’ desconhecido, ao mesmo tempo visionava um lugar melhor para se viver e construir uma nova vida, o tão sonhado paraíso, o espaço *wilderness*.

A palavra *wilderness* pode englobar dois significados de fronteira de acordo com Wegner (2000), quais sejam “uma linha entre a *terra povoada* e a *terra livre* ou ainda o *ponto de encontro* entre o *civilizado* e o *primitivo*.”, significados referentes, especificamente, à fronteira norte-americana. Todavia, é importante perceber que tais significados, traduzidos para o português, já carregam a carga semântica de duplicidade de sentido, ou seja, tanto pode significar deserto, como algo selvagem.

O que aconteceu no Oeste norte-americano foi que a história juntou-se ao mito a fim de construir uma identidade nacional, no entanto, no Brasil, os mitos não foram eficientes para incluir a nação na sua narrativa histórica (OLIVEIRA, 2000). Os bandeirantes perpetuavam as lendas e mitos já existentes, tornando-se parte desse enredo a fim de expandir seus domínios e fronteiras (SILVA, 2011). Dessa maneira, o bandeirante é mito do sertão, o que promoveu a expansão territorial, constituindo-se “a principal experiência de fronteira na história brasileira” de acordo com Oliveira (2000, p.79).

Ao compararmos o conceito de fronteira estabelecido pelos autores, percebemos que há uma linha tênue que divide o que é fronteira em seu aspecto geográfico e o que é fronteira em seu aspecto psicológico, haja vista que ambos remetem a subjetividade de quem se propõe a transpor fronteiras. Os territórios a se conquistar dependem muito do que se propuseram os atores a enfrentar uma realidade que não era a deles, na busca pelas terras desertas e selvagens, mesmo que para que isso acontecesse, precisassem lançar mão de artifícios criados no imaginário do conquistador.

De acordo com Oliveira (2000), o tema da fronteira foi retomado nos Estados Unidos por meio da História Ambiental, ao propor uma relação entre o território e suas características naturais e a sociedade em seu processo de expansão e ocupação dos espaços vazios. Essa concepção é fundamental para a discussão que propomos nesta pesquisa, considerando essa referência como fundamentação teórica para a construção da relação entre o sertão goiano e a cultura sertaneja na obra de Bernardo Élis.

A fronteira como categoria, discutida no tópico acima, teve em Turner (2010) sua grande referência. No entanto, outros teóricos em suas análises acerca da fronteira e da ocupação de territórios, procuraram partir das observações de Turner (2010), muitas vezes confirmando suas assertivas, outras adaptadas a contextos histórico-geográficos distintos. É o caso dos estudos de Hennesy (1978) sobre a fronteira latino-americana, em que ele faz uma analogia entre fronteira e a tradição americana, entendendo que há uma distinção de sentidos dessa concepção (CAMPOS; SILVA, 2013).

Hennesy (1978) analisou a tese de Turner (2010) em que a conquista do Oeste americano foi descrita como rompimento da fronteira. Essa o englobava além do território, a construção de identidade de um povo, o lugar onde o cidadão poderia criar sua família e construir sua vida socioeconômica, criando local de bem-estar. A partir dessa análise, ele percebeu que na América Latina não havia uma fronteira a ser transposta, mas sim “fronteiras” que iam além da questão territorial, ou seja, diferentemente do modelo de ocupação americano (CAMPOS; SILVA, 2013). Em um trabalho em que buscavam a utilização desse conceito na expansão da mineração em Goiás no século XVIII os autores Fernandes ; Silva ; Tavares (2013 p.56-57) indicam que a concepção de Hennesy “[...] diferente da tradição democrática americana e o seu vínculo com a fronteira, na América Latina fatores específicos como nacionalidades múltiplas, balanço de poder entre as nações e fragmentação territorial e o poder local (caudilhismos) tornaram distinta essa forma de ocupação”. O uso do conceito de fronteira apresentado por Hennesy efetuava uma tipologia a partir de modelos conceituais que consideravam as motivações e os recursos naturais na ocupação territorial, estabelecendo diferentes fronteiras (FERNANDES; SILVA; TAVARES, 2013).

Por tudo que é analisado e pesquisado, a história tem mostrado ao longo dos tempos que o trabalho de historiadores como Turner (2010), Martins (1996), Oliveira (2000), Holanda (2008), Hennesy (1978), Wergner (2000), McGreery (2006), entre outros, é às vezes, árduo e penoso, outras, prazeroso e gratificante, pois cabe a eles o papel de contar e demonstrar, por meio de pesquisas, como caminha a sociedade. É necessário lembrar que o trabalho do historiador não se constitui apenas em narrar fatos, mas sim fazer um estudo teórico das problemáticas que cercam a história de cada povo. Por isso o estudo da fronteira tem explorado continuamente por esses bravos pesquisadores da história geográfica e social do país.

A história de fronteira no Brasil é recente e marcada pela destruição, porém não deixa de ser uma história assinalada por revolta, oposições, mas ainda de esperança e sonhos. Isso podemos ver nas obras de Sérgio Buarque de Holanda, que trabalha com a história dos bandeirantes; nos relatos de Martins acerca dos conflitos estabelecidos na fronteira, nos estudos de Oliveira (2000) e Wegner (2000) sobre as diferentes concepções do que seja fronteira.

O enfrentamento de dificuldades pelo bandeirante é visto por Martins (1996) como o conflito que se estabelece na relação conquistador /conquistado. Segundo o autor, o tempo da fronteira é o de contradição, de lutas e destruição. Ele assim afirma:

A história contemporânea da fronteira, no Brasil, é a história das lutas étnicas e sociais. Entre 1968 e 1987, diferentes tribos indígenas da Amazônia sofreram pelo menos 92 ataques organizados, principalmente, por grandes proprietários de terra, com a participação de seus pistoleiros, usando armas de fogo. Por seu lado, diferentes tribos indígenas realizaram pelo menos 165 ataques a grandes fazendas e a alguns povoados, entre 1968 e 1990, usando muitas vezes armas primitivas como bordunas e arco-e-flecha. Houve ocasiões em que diferentes tribos fizeram ataques em diferentes lugares no mesmo dia. Nestes últimos trinta anos, diferentes facções da tribo Kayapó lançaram continuados ataques às fazendas de sua região, inicialmente para rechaçar os civilizados e depois de pacificados para impedir que continuassem invadindo seu território (MARTINS, 1996, p.26).

Nessa luta pelo território, tanto índios como camponeses, moradores antigos e, ainda, os que estavam recém-estabelecidos viram-se envolvidos numa violência brutal imposta pelos grandes proprietários de terras. Esse embate resultou em assassinatos, expulsões e destruição de casas e povoados (MARTINS, 1996, p.26-27).

Para que possamos entender a história da fronteira no Brasil, é preciso que estabeleçamos a diferença entre duas concepções encontradas; uma por geógrafos, chamada frente pioneira, outra, estabelecida pelos antropólogos, denominada frente de expansão.

Enquanto os geógrafos veem a fronteira como espaço a ser explorado pelo empresário, fazendeiro, o comerciante e o pequeno empreendedor a fim de expandir a progresso e a economia; os antropólogos preocupam-se, além do progresso, com as populações pobres, sejam elas indígenas ou não, interessam pela inclusão daqueles que dela fazem parte como os vaqueiros, os seringueiros, os pequenos agricultores praticantes de uma agricultura de roça. Na verdade, essas são duas maneiras diferentes de perceber a fronteira. Cada uma, visando aspectos diferentes, mas não deixando de explorá-la. (MARTINS, 1996)

A concepção de frente pioneira é, na realidade, a de que fronteira é lugar

onde se cria o novo, fundam-se novos projetos, uma nova sociedade que proporcionará trabalho e criará novas relações contratuais em sociedade. Essa frente busca abrir novos caminhos – relação espacial – assim como estabelecer laços sociais que levem à modernização, ao estabelecimento de outras concepções de vida e a mudanças sociais. Assim, ela deixa para trás aquilo que já está “ultrapassado”, esvaziado de significado.

Por outro lado, a frente de expansão, embora pense na inclusão dos vários atores que compõem a fronteira, ela, apesar de parecer contrária à frente pioneira, também se refere realidades sociais específicas, de modos particulares de organizar-se a vida social. Podemos, dessa forma, dizer que é uma situação de contato entre o civilizado e o primitivo. Aqui, voltamos à concepção de Turner (2010) de que fronteira era o limite entre “civilização e barbárie” (TURNER, 2010).

A partir dessa concepção, começaremos a analisar a conquista do Oeste brasileiro que, como o Oeste americano, foi marcado por embates, lutas e sofrimento. Segundo Wegner (2010), em citação feita a respeito da influência de Turner (2010), “na fronteira o pioneiro volta a estágios primitivos e, num processo contínuo, torna a evoluir rumo à civilização, apontando para uma nova nação”. É a sua adaptação ao meio que o cerca.

Para Martins (2012), a frente de expansão seria a mais relevante para se fazer uma reflexão sociológica, já que se refere a “lugar e tempo de conflito e de alteridade” Segundo o autor, é necessário que entendamos que fronteira não apresenta só um lado. Existe o lado de cá e o de lá. O Brasil é um exemplo disso, se entendermos que os civilizados – localizados no litoral – avançam em direção ao outro lado da fronteira, a dos chamados não civilizados.

Os considerados civilizados apresentam concepções de vida diversas, cada um com sua respectiva opinião e posição acerca do que seja conquistar o outro lado da fronteira. São camponeses, garimpeiros, peões, fazendeiros, empresários, religiosos, o antropólogo e o historiador, todos buscando respostas para seus desejos e anseios, quaisquer que sejam eles, políticos, sociais, econômicos ou religiosos.

Holanda (2008), em seu livro *Caminho e Fronteiras* que trata da conquista do oeste brasileiro, vemos o europeu sendo obrigado a se adaptar aos padrões de

vida indígena, tendo que abdicar de seus métodos de caça, navegação, de seus hábitos alimentares para se adequar aos do nativo. Só depois, de algum tempo, muito lentamente, é que puderam retomar seus hábitos. Podemos perceber, ainda, de acordo com Turner (2010), que o oeste americano foi conquistado de modo rápido e dinâmico, enquanto a conquista do oeste brasileiro deu-se de forma lenta e estendeu-se até o século passado (WERGNER, 2000).

Conforme Holanda (2008), os bandeirantes, que penetravam nesse sertão brasileiro, perigoso e hostil, andavam, quase sempre, descalços. O autor dedicou um tópico inteiro sobre essa questão e dizia “O sistema de marcharem a pé e descalços teve ação persistente sobre os atos dos sertanistas” (HOLANDA, 2008, p.28). Em sua obra “Caminhos e Fronteiras”, o sertanista e/ou bandeirante é o conquistador, aquele que apesar dos empecilhos segue buscando seu objetivo. A questão do espaço é tratada como espécie de fronteira-movimento. Pode-se perceber que a história da nação se envereda para a parte interna, em que espaço conquistado é passível de modificações.

Wergner (2000) escreve que os bandeirantes, na obra de Holanda (2008), vão se adaptando ao modo de viver, bem como os artifícios indicado pelos selvagens com o intuito de aos poucos submetê-los ao seu domínio. Assim, ele afirma que

Só é possível perceber a dimensão dessa quase completa adaptação ao ritmo e artimanhas sugeridas pelos seres da selva se comparada à relação com a natureza estabelecida, de maneira geral, pela civilização europeia, calcada, sobretudo, no objetivo de subordiná-la. Este tipo de relação tem seu espírito mais acabado, exatamente na modalidade de caça cultivada em sociedades do Velho Mundo, nas quais se constitui não em fonte de subsistência, mas em um nobre passatempo (WEGNER, 2000, p.148).

Em outra passagem do texto de Holanda (2008), percebemos que para alcançar a modernidade, os espaços conquistados precisavam ser ajustados conforme se esperava, senão vejamos:

[...] Na luta diuturna contra a floresta, onde todos os inimigos são traiçoeiros, não há lugar para se formar as imaginações intrépidas em que o civilizado se distrai da monotonia de um mundo sem

constantes e mortais perigos. [...]

Mas essa raça soturna, ainda que sem muitas das virtudes heroicas dos grandes bandeirantes, continuou a prestar bons serviços, desbravando terras incultas, fundando capelas e povoados sertanejos e, sobretudo, dilatando no continente o mundo da língua portuguesa (2008, p. 122).

Sem embargo, percebe-se na história narrada por Holanda (2008) é a de ocupação do espaço territorial, mas que não se abstém de incorporar a noção de tempo e, ainda, de mostrar que esse território conquistado é base para a formação nacional.

Na percepção de Oliveira (2000), na conquista do Oeste brasileiro, o sertão aparecia como um espaço desconhecido, perigoso, habitado por selvagens e feras, entretanto, para o pioneiro, aqui chamado de bandeirante, era fonte de riquezas, a fronteira a ser transposta. Além disso, ele, o bandeirante, é o responsável pelo aumento do espaço territorial. Esse aumento de espaço territorial pode ser considerado, na ação das bandeiras, como principal experiência de fronteira na história brasileira. Analisando, assim, a fronteira, é o resultado da mudança, que conseguiria dissolver o paradoxo litoral/sertão (OLIVEIRA, 2000, p.79).

Nas palavras de Oliveira (2000, p. 80), a

[...] fronteira, assim como o sertão ou nação, não é conceito estático atemporal. Seu sentido de delimitação, definição e referência territorial de unidades sociopolíticas envolveu um longo e múltiplo caminho. Através de diferentes processos, chegou-se à noção de exercício soberano do poder sobre um território, mas para isso foi necessário seguir um controle militar, econômico, populacional, cultural e político-administrativo. O que hoje os mapas apresentam como parte 'natural' do espaço dos países, seu espaço territorial sua identidade geográfica, foi resultado de política – entre outras, fiscais – pelo estabelecimento de pontos de controle aduaneiro.

O Oeste brasileiro recebeu vários nomes como sertão, ermos, gerais. Todas essas palavras remetem ao conceito de despovoado, lugar “nenhum”, onde havia apenas matas fechadas, impedindo o progresso do Brasil e que precisariam ser conquistadas. Também chamado de ermo, como se fosse um deserto

desabitado, tão perigoso ele era. E assim, o oeste brasileiro foi servindo de pano de fundo para a história do Brasil.

Tanto é verdade que, para o Estado, o interior do Brasil, mais especificamente Goiás, só serviu para exploração do ouro, gerando riquezas para o Estado. Todavia, como sempre, havia aqueles que procuravam se enriquecer, e de fato enriqueceram, passando por cima de tudo e de todos, a fim de obter vantagens para si mesmos. É a dicotomia explorador/explorado ou a dupla face a que a autora se refere. Luta permanente no confronto entre aqueles que estão em lados opostos da fronteira estabelecida.

A tese de fronteira apresenta, assim, uma dupla face. Há os elementos explícitos: interação com o novo meio geográfico; relacionamento entre a história local/ regional com a nacional; apresentação do chamado 'homem comum' como centro da história americana e expressão de caráter nacional. Por outro lado, ela omite ou não enfatiza suficientemente: a questão indígena, o papel do governo federal na ocupação/colonização das novas terras e, por fim, a fantástica expansão territorial. (OLIVEIRA, 2000, p.129)

No Brasil, as bandeiras e os bandeirantes fizeram parte da imagem de conflito na construção da memória histórica do país. Se por um lado eles foram acusados de crueldades e assassinatos, por outro, foram também considerados responsáveis pela construção de uma identidade nacional, bravos e íntegros em sua conduta. O bandeirante de Oliveira (2000) remete ao de Holanda (2008), que podem ser entendidos, neste contexto, como o paulista que se aventurou pelo sertão em busca de riqueza.

## **1.2 A fronteira em Goiás**

A fronteira em Goiás foi descrita por McCreery (2006), em seu livro *Frontier Goiás – 1822-1889*, e em seus estudos, o autor se apropriou do conceito de fronteira de Turner para estudar os fenômenos que ocorreram na distante província de Goiás, tratando de questões como a dominação, violência, pobreza e o isolamento.

McCreery (2006) diz que Goiás poderia ser comparado a um “queijo suíço” pelos números de suas fronteiras. Essas fronteiras estavam separadas e cercadas pelos assentamentos, sustentadas apenas pelo ínfimo contato entre seus habitantes. E ainda, que a busca pelo ouro, o desinteresse dos habitantes pela agricultura, já que suas terras eram de qualidade variável, deixaram Goiás fora dos interesses dos grandes centros.

A busca pela riqueza trouxe o bandeirante para a ocupação de Goiás, que se concentrou nas regiões de extração do ouro. Mas, depois, com a decadência dessa exploração, a fronteira passou a ser explorada pela pecuária, ocupando o campo cerrado, desviando-se das áreas de floresta. Porém, para essas atividades, os campos eram queimados a fim de servirem de pastagem ao gado. (McCREERY, 2006)

Ainda, de acordo com o autor, a descoberta de ouro e pedras preciosas provocou uma corrida para Goiás entre os de 1720 a 1750. Os invasores dessas terras trouxeram doenças, que dizimaram vários grupos indígenas, pois além das doenças, os invasores eram brutos e violentos. No entanto, muitos índios revidaram e começaram a invadir e atacar os colonos. Isso pode ser visto até o presente século.

Conforme David McCreery (2006, p.13 - 14),

Para entender a trajetória histórica de Goiás no século XIX, é necessário, primeiro, compreender a sua posição como uma fronteira, lembrar, é claro, que todas as fronteiras são construções ideológicas, e todas as fronteiras necessariamente são experiências diferentes, dependendo de quem você é e de onde você está.

É importante lembrar que bem antes de as Bandeiras chegarem a Goiás, houve severos embates entre os indígenas e aqueles que para cá vinham explorar a riquezas. Já neste tempo, os habitantes indígenas provocaram grande modificação ecológica no espaço dos Cerrados, por causa dos incêndios feitos por eles com o intuito de limpar a terra para a agricultura. Essa era uma técnica adotada pelos europeus e que foi perpetuada ao longo dos tempos.

McCreery (2006) afirma, ainda, que “Goiás, então, foi um exemplo

clássico de uma fronteira formada como resultado das demandas, ou possibilidades, da economia maior do mundo, neste caso, capitalismo comerciante, o valor é colocado no ouro” (2006, p.15) Tal era esse valor, que a fiscalização em torno da produção aurífera era muito grande. Os grandes proprietários das jazidas chegavam a impor limites para construção de casas e, até, para compra de mantimentos.

Corroborando com McCreery (2006), Martins (2012) afirma que, sociologicamente, uma maneira importante para adjetivar e conceituar fronteira no Brasil é, realmente, o conflito social, de um lado os índios (os não civilizados); de outro, os que se denominam civilizados. E ainda, de um lado dessa fronteira, os ricos proprietários de terra e, de outro, os camponeses pobres.

Percebe-se, portanto, que a fronteira é o lugar de encontro e desencontro, encontros e, também, lugar onde estão situadas as diferenças de realidades históricas, comparadas, inclusive, com a chegada dos europeus ao Brasil em 1500. Martins (2006, p.134) afirma que “A fronteira só deixa de existir quando o conflito desaparece, quando os tempos se fundem, quando a alteridade original e mortal dá lugar à alteridade política, quando outro se torna a parte antagônica do *nós*. Quando a história passa a ser a *nossa história* [...]”.

Na percepção de Oliveira (2000, p.71), existem dois pontos de vista acerca do sertão. A primeira seria uma visão romântica e, a segunda, uma visão realista no que diz respeito ao espaço físico e ao homem que o habita. Na visão romântica, o sertanejo representa a identidade nacional pelo seu modo de viver, sua simplicidade e desenvoltura, sem a contaminação da vida que era levada no litoral. Já na visão realista, aquilo que era idealizado perde sua essência, uma vez que o sertão representa um obstáculo para urbanização.

Na literatura brasileira, o sertão é apresentado de três maneiras. A primeira retrata a visão romântica do sertão, como sendo lugar onde tudo era perfeito, lindo e justo; a segunda associa-o ao inferno, onde a natureza é dura, onde a violência é o que rege esse lugar de destempero; na terceira forma de vê-lo, o sertão é o purgatório, onde as pessoas pagam suas penitências, fazem suas reflexões, é o lugar de passagem. (OLIVEIRA, 2000, p.74)

Assim sendo, a fronteira, de acordo com Oliveira (2000, p.79),

seria o resultado da mudança de perspectiva em relação ao sertão, já que estaria relacionada aos processos econômicos de incorporação e ocupação de 'vazios demográficos'. A noção de fronteira seria capaz de diluir a dicotomia litoral/sertão, pois significa a oportunidade de chegada da civilização-litoral ao sertão-interior conciliando a qualidade positiva do litoral – a civilidade – com a crença de que interior/ sertão está preservado em um Brasil autêntico.

Essa afirmação nos leva de volta a tese de Turner (2010) que envolvia, a princípio, uma volta do estágio civilizado ao não civilizado para, depois, sofrer um processo evolutivo que levasse o homem à civilização. É o evolucionismo, o homem se adapta aos padrões nativos, primeiro momento. A sociedade formada na fronteira é pura, constrói suas próprias formas de viver sem se submeter a outras exteriores, atendo às exigências do meio em que vive, esse é o segundo momento.

Se a chegada da civilização ao interior daria impulso progressista, civilidade, é importante lembrar que Goiás, no final do século XIX e meados do XX, é exemplo explícito de fronteira, já que foi palco de embates, quando da vinda dos europeus para cá, a fim de explorar o ouro. Esses embates foram uma forma de revide dos índios contra os invasores (McCREERY, 2006).

Mas a exploração do ouro não durou muito, logo os exploradores bateram em retirada e muitos colonos fugiram ainda mais para o interior de Goiás. Alguns levavam escravos, outros não, porque tinham que pagar suas dívidas aos credores. Apesar disso, uns permaneceram e passaram a cultivar lavouras e a criar animais a fim de sobreviverem.

O que se pode observar é que enquanto na conquista do oeste americano as cidades exploradas se transformaram em "cidades-fantasma", em Goiás, de acordo com McCreery (2006), as cidades permaneceram, sobrevivendo à decadência do ouro. Esse fato ilustra, com clareza, a diferença entre o que resultou da conquista do oeste americano – rapidez em abrir e fechar fronteira – com a de Goiás, fronteira já urbanizada, ou melhor, velha fronteira.

Na história de conquista do Oeste americano e do Oeste brasileiro, segundo Oliveira (2000, p. 110), ocorre um triângulo cultural, assim descrito pela autora:

O triângulo cultural norte-americano – pioneiro/ *farmer*/ ianque – é comparado com o brasileiro: bandeirante/ senhor-de-engenho/ jesuíta. O bandeirante empreendeu a corrida do ouro, a caça ao índio, e teve que enfrentar o jesuíta, que lutou contra o seu comportamento moral. A descoberta do ouro, no final do século XVIII, fez a história voltar para o sentido predatório e confirmou na história brasileira, com seus ideais de conquista e de riqueza extrativa fácil.

Mais uma vez, é observada a história da fronteira descrita por McCreery (2006) quando da corrida do ouro no interior do Brasil, especificamente, em Goiás. Enquanto para o norte-americano a conquista representava oportunidade de uma vida nova, de um recomeço; para os brasileiros, essa fronteira representava a oportunidade de poder fazer o que era proibido na “civilização”. Aqui, no sertão, longe da fiscalização do governo, tudo podia ser feito. Isso mostrava bem o descaso do governo para com as populações desse lugar e a sua ineficiência em governar com austeridade o interior (McCREERY, 2006).

O território goiano, como é visto hoje, está longe de parecer com o espaço ocupado por Goiás antes da divisão do território brasileiro em províncias. Teixeira Neto (2013, p.19) revela-nos que “[...] Goiás nasceu 2/3 maior do que é hoje, [...]” e perdeu espaço para os estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. O que antes somavam quase 1.000.000 de quilômetro quadrados, hoje somam aproximadamente 340.000 (TEIXEIRA NETO, 2013).

Em seu artigo sobre a formação do território goiano, Teixeira Neto (2013) revela as perdas territoriais mas também mostra a displicência com que Goiás aceitava isso. Regiões com relevância econômica, urbana e geoambiental - caso do Triângulo Mineiro, a oeste; de Mato Grosso entre os rios Araguais e das Mortes; de Mato Grosso, entre os rios Paranaíba, Paraná e rio pardo; aproveitaram de sua proximidade com São Paulo e Rio de Janeiro e desenvolveram-se. Goiás ficou isolado, já que ficava distante dos grandes centros e não despertava interesse nos governantes da época.

Teixeira Neto (2013, p.36) deixa claro esse desinteresse quando afirma que:

Durante todo o processo de sua formação territorial, Goiás – que, na realidade, jamais pôde contar com a simpatia dos políticos centrais –

sempre encontrou enormes dificuldades para manter estáveis as suas fronteiras e limites. Na verdade, até os dias de hoje, ele só encolheu em seus quilômetros. Parecia se conformar com isto, tão diminutas eram suas possibilidades materiais e, sobretudo, políticas, para conservar tão vastas posses literalmente enclausuradas no coração do Brasil.

No Brasil, esse interior representa o sertão: "uma categoria da história situada entre a ficção e a realidade" (McCREERY, 2006, p. 15). Se considerarmos que para os norte-americanos a fronteira representava oportunidade para começar uma nova vida, vemos que para os brasileiros o sertão era um lugar lúgubre, perigoso, desconhecido, carente de Deus, sem sociedade ou estado. Nesse interior os habitantes vivem isolados de tudo e de todos, até de um governo que norteie suas ações, diferentes daqueles que vivem no litoral, pois no sertão os costumes são bárbaros, geram atos de ferocidades e podem-se presenciar crimes horrendos. Assim era visto o interior do país: sertão, ermo, gerais.

O sertão distante, ermo nas gerais do Oeste é o cenário para várias e diferentes ameaças, dentre elas o enfrentamento com os indígenas. Esse foi um dos principais temas que tratavam a fronteira como um lugar hostil e perigoso. Isso pode ser percebido na documentação que trabalha com a fronteira em Goiás no século XIX, como as correspondências dos governadores de províncias, descrita sobretudo nos trabalhos de McCreery (2006) e Oliveira (2013). No mapa a seguir, podemos perceber que as vilas e os arraiais do território goiano eram cercados por nações indígenas (figura 1).



proprietários contra os camponeses pobres. Segundo Martins (2012, p.133), “a fronteira é essencialmente o lugar de alteridade. É isso que faz dela uma realidade singular.”.

A relevância dos estudos de McCreery (2006) ajuda-nos a construir uma tipologia de fronteira goiana, analisando dois contos de Bernardo Élis. Os contos *A enxada* e *A crueldade benéfica de Tambiúambos* das obras “Veranico de Janeiro” e “Ermos e Gerais”, respectivamente, apresentam quatro pontos distintos das características da fronteira Goiás descrita por McCreery (2006): o isolamento – por isso, ermo, sertão -; a dominação, exercida por quem detinha o poder; violência, os conflitos entre os nativos e o explorador; a pobreza, estabelecida pelo isolamento, desenvolvimento precário da província. No capítulo primeiro de seu livro *Frontier Goiás, 1822 – 1889*, o autor escreve sobre a estrutura do Estado, como se formou e como era governado.

As discussões de McCreery (2006) acerca da fronteira em Goiás, da estrutura de poder que se estabeleceram nessa fronteira, os embates entre índios e civilizados, assim como o isolamento de Goiás, dito pelo autor como “a fronteira da fronteira” ajudam-nos a compreender o conceito de fronteira na formação de Goiás, além de tornar mais evidente o porquê das narrativas de Bernardo Élis refletirem acerca do sertão, lugar esquecido, ermo.

Por estar localizado no interior do Brasil, longe dos grandes centros, Goiás provocava certa aversão aos que, porventura, poderiam ser nomeados para governar a província. No entanto, era preciso estabelecer relações políticas e econômicas com o sertão, assim, nomeava-se um ‘presidente’ para governá-la. Mas as pessoas, que eram nomeadas, muitas vezes nem moravam no local, pois não queriam ficar longe dos grandes centros, deixando por lá algum responsável para enviar os relatórios. McCreery (2006, p. 25) assim relata:

O Império geralmente encontrava dificuldades para preencher a presidência no interior. Nomeações para um posto mais perto da costa ou até mesmo um teoricamente inferior, como um juiz de distrito, contanto que fosse uma área mais acessível, eram normalmente preferidas a uma Presidência no sertão.

O mesmo autor escreve, no segundo capítulo, acerca do poder do Estado – o Império – sobre a província de Goiás, lugar de violência provocada por escravos

fugitivos, índios e ciganos que migravam para zona rural, levando pânico às pequenas comunidades locais. Essas, por sua vez, pediam socorro ao Presidente da província. Muitas vezes, os poderosos da época, grandes proprietários de terras, “garantiam” a impunidade dos bandidos, o que impedia a polícia de prendê-los. Como foi o caso relatado por McCreery (2006, p. 66) em que

o Coronel Honório Amâncio de Araújo, indiciado por homicídio, reuniu em torno de sua fazenda, perto de Santa Cruz, um bando de bandidos, incluindo Teixeira, criminoso procurado, intimidando a guarda nacional local, tornou impossível a prisão de qualquer um deles.

E assim, muitos criminosos de carreira eram apoiados e mantidos pelos coronéis, continuando a matar e levar medo àqueles que moravam nas pequenas comunidades. Alguns eram conhecidos por seus apelidos como “José de Lacerda, também conhecido por ‘Dedão’, descrito como um ‘flagelo da humanidade’, Claudio Paranyba, ‘o terror bairro’, este que, com vinte anos, já possuía uma extensa folha criminal” (McCREERY, 2006, p.66).

O poder de dominação dos grandes proprietários de terra estendia-se pela província e, principalmente, nas pequenas comunidades rurais, onde eles eram a “lei”. A maioria preferia não se indispor com nenhum deles, antes achavam melhor obter proteção desses, pois aos protegidos era dado apoio até mesmo para assassinatos cometidos que, de acordo com McCreery (2006), poderia ter seu julgamento adiado indefinidamente. Por esse motivo, a violência era constante na província distante.

Esse é um fator que corrobora para a comprovação de que Goiás apresentava-se, de acordo com McCreery (2006), como a fronteira da fronteira, o último lugar a que se podia ir, e ainda definido pelo autor como um “queijo suíço”, fazendo fronteira com várias outras províncias, proporcionando lutas sangrentas entre índios e colonos, uma vez que os primeiros sentiam-se donos da terra.

De acordo com Oliveira (2013), havia o medo que dominava os colonizadores. Estes tinham receio de perderem suas vidas, suas famílias. Esse medo era constante, não só dos índios, mas dos escravos e dos mulatos. O autor

escreve, também, que a colonização foi marcada pelo conflito entre índios e colonizadores. Oliveira (2013, p.91) relata:

Desde os primeiros contatos entre colonizadores e Kayapó, com as entradas e bandeiras, a violência preponderou-se: [...] Com o surgimento dos primeiros arraiais, destinados a explorar as minas de ouro, a tensão entre as duas etnias aumentou consideravelmente. Talvez 'tensão' seja uma palavra por demais atônica para descrever o conflito entre brancos e colonizadores nos primeiros arraiais do ouro: o que acontecia era quase uma verdadeira guerra.

Assim, a fronteira colonizadora enfrentou muita oposição pelos indígenas quando do seu desenvolvimento, principalmente pelos Kayapó e Avá-Canoeiro, que apesar de derrotadas ainda promoviam ataques surpresa, provocando prejuízos aos fazendeiros e, ainda, aos pequenos povoados.

Além do medo, outro fator muito importante para entendermos os problemas vividos no sertão era a questão da pobreza. Os colonos dependiam dos grandes proprietários de terra e estabeleciam-se em pequenas porções de terra, executando uma cultura de subsistência. Eles trabalhavam para os senhores da terra ao invés de saírem para conquistar terras próprias, pois era melhor que enfrentar os bandidos contratados pelos "coronéis" a fim de exterminar aqueles que ousavam discordar ou terem vida própria. E, ainda, era melhor permanecer sob essa "proteção" a ter que enfrentar índios ferozes e violentos. Assim, os camponeses viviam com o que produziam, sem perspectivas de uma vida melhor.

### **1.3 A fronteira na literatura de Bernardo Élis.**

A fronteira nos contos de Bernardo Élis é discutida de forma clara. Em *A enxada* e *A crueldade benéfica de Tambiú* presenciamos os quatro pontos-chave da fronteira, descritos por McCreery (2006) que são o isolamento, a dominação, a violência e a pobreza.

No conto *A enxada*, do livro *Veranico de Janeiro*, escrito em 1966, Bernardo Élis deixa em evidência a terra, o homem com suas desgraças e também

suas crueldades, concomitantemente, ele desperta no leitor sensibilidade, acompanhando a saga de sofrimento imposta a “Piano”, que busca freneticamente o instrumento que parece libertá-lo, ou seja, a enxada. O cenário de isolamento, distanciamento, em que se encontra a roça onde Piano trabalha, ajudaram a descrever a fronteira goiana como a “periferia da periferia” (McGREERY, 2006).

Assim, percebemos que Hohlfeldt (1990, p.25), corrobora com McCreery (2006) quando afirma que

Bernardo Élis se aprofunda na crítica social, nas condições de violência, na exploração latifundiária, que caracterizam o desenvolvimento social e econômico das províncias brasileiras ainda hoje, fato facilmente verificável nas manchetes dos jornais. **Num espaço tipo fim-de-mundo**, esquecidas, marginalizadas, as criaturas de Bernardo Élis lutam e reivindicam por sua condição humana, ainda que restritas num círculo fechado de regras próprias, ética e moralmente diferenciadas do universo urbano e tecnológico, onde o tempo é um escorrer sem sentido, contínuo, infinito, com a mais absoluta estratificação das relações humanas, quase sempre animalizadas. (Grifo nosso)

Esse cenário de violência e dominação foi descrito por Bernardo Élis (1979) no conto *A enxada*, em que Capitão Elpídio, dono de grande propriedade, recebeu Piano em pagamento de dívida do delegado, obrigando-o a plantar uma roça de arroz. No entanto, Piano não possuía enxada para tal. Capitão Elpídio, não queria saber disso, ameaçou o negro caso não plantasse a roça até dia de Santa Luzia, treze de dezembro. Eis uma de suas conversas com o negro:

— Cala a boca, sô! Aqui quem fala é só eu. — Elpídio acendeu novamente o cigarro de palha e reafirmou: — Olha aqui, Piano. Hoje é dia onze. Ate dia treze se ocê num tiver plantado meu arroz, esses dois soldados já tão apalvrados. Vão te trazer ocê debaixo de facão, vão te meter ocê na cadeia que é pra não sair nunca mais. Põe bem sentido nisso e pensa sua vida direito, olha lá! [...] Quero mostrar a esse delegadinho de bobagem que nele você passou perna, mas que eu, Elpídio Chaveiro, filho do Senador Elpídio Chaveiro, que esse ninguém não logra. Há-de-o! – Riu seu riso de dente de ouro, deu uma volta muito senhor rei: — É baixo, moreno! (ÉLIS, 1979, p.46-47)

Esse diálogo comprova o que McCreery (2006) trabalha em seu segundo capítulo, quando descreve as ameaças ao governo central, o que inclui a população de negros, índios e criminosos nessa época. Os grandes proprietários dominavam tudo e todos, sendo temidos, uma vez que contratavam criminosos para executarem os castigos e, até mesmo, mortes. Sabemos que o poder de dominação seja governamental ou não se aproveita da vulnerabilidade dos seus dominados, mantendo-os na incerteza das ações que poderão advir dos dominantes.

Supriano (Piano) representa de modo extraordinário essa vulnerabilidade, porque sendo paupérrimo não lutava contra essa dominação, não tinha forças físicas e psicológicas para tal reação, mesmo tendo plantado a roça de arroz estabelecida pelo capitão, foi morto pelos policiais.

[...] — Óia, ô! Pode dizer pra Seu Elpídio, que no finzinho viu? Ah, que com a ajuda de Santa Luzia ... — E com fúria agora tafulhava o toco com a mão no chão molhado, desimportando de rasgar as carnes e partir os ossos do punho, [...] Aí o soldado abriu a túnica, tirou de debaixo um bentinho sujo de baeta vermelha, beijou, fez o pelo-sinal, manobrou o fuzil, levou o bruto à cara no rumo do camarada. Do seu lugar, Piano meio que se escondeu por trás de um toco de peroba-rosa que não queimou, mas o cano do fuzil campeou, cresceu, tampou toda a sua vista, ocultou o céu inteirinho, o mato longe, a mancha por trás do soldado, que era o sol querendo romper as nuvens. (ÉLIS, 1979, p.54-55)

O capitão Elpídio mantinha sob o seu poder aqueles que possuíam a lei em suas mãos. A cidade, controlada por coronéis, era muito pequena, um vilarejo, onde a pobreza era visível. Esse universo demonstra um contexto de autoritarismo e violência que ocorria no interior do interior. Esse era Goiás depois da febre do ouro no século XIX. Cidades quase que abandonadas, a população rural escassa, domínio dos grandes proprietários de terra. Campos; Silva (2013) utilizam essa alegoria do conto *A enxada* para caracterizar as questões fundiárias que marcaram a fronteira goiana. De acordo com esses autores as questões fundiárias caracterizaram o cenário de dominação e violência sobretudo no período da economia pecuarista e também nos anos que seguiram a expansão agrícola e a valorização das propriedades em função do avanço da rodovia e ferrovia em Goiás.

De acordo com McCreery (2006), podemos afirmar que o conto *A enxada* é um exemplo explícito da pobreza, dominação e violência a que eram submetidas as pessoas. Se a enxada, tão procurada, fosse furtada por Piano, seria muito fácil rastreá-la, pois a cidade era pequena e o objeto seria encontrado rapidamente. Partindo daí, o dono de tal objeto poderia cometer assassinato, que este seria considerado como ato de legítima defesa.

Esse contexto de violência e isolamento nos reporta ao conto de Bernardo Élis (2005) *A crueldade benéfica de Tambiú* que acontece na cidade, cujo nome foi dado pelo bandeirante que a fundou, Amaro Leite. Essa cidade, bem antes de se tornar cenário para o conto de Élis, foi vítima de ataques indígenas. Os Canoeiros, como era denominada a tribo, entraram em luta com os colonos, sendo que os últimos permaneceram firmes.

McCreery (2006), em seus estudos, escreve que as expedições enviadas para Goiás, chamadas de Bandeiras, tinham o objetivo de dominar, escravizar e erradicar os índios, como uma vingança pelo que eles faziam com os colonos. No entanto, no que diz respeito a Amaro Leite, o autor afirma que as Bandeiras não obtiveram êxito, sendo os líderes chamados pelo presidente de covardes e ignorantes, e ainda que a tropa fosse indisciplinada, incapaz de encontrar o chefe dos índios.

Amaro Leite foi descrita assim por Bernardo (2005, p.117):

Amaro Leite, fundada pelo bandeirante que lhe deu o nome, era uma povoação cadavérica do então anêmico sertão goiano.

Da cidade de outrora, só restava uma meia dúzia de casas velhas, sujas, arruinadas, tocaiando o tempo, na dobra da serra imensa. E na embriagues do silêncio purulento de ruínas, relembra glórias mortas, tropel de bandeiras, lufa-lufa dos escravos minerando nos arredores auríferos.

A tristeza irônica das grandes taperas mostrava o rico fastígio burguês, gordo e fácil daqueles tempos de Brasil curumim.

Essa monotonia foi quebrada pela violência de Tambiú, cangaceiro na Paraíba “cansado, porém, de matar e roubar ali, afundou-se nos rumos de Goiás, pelo luxo exclusivo de mudar de ares.” (ÉLIS, 2005, p.120) Assim, Tambiú com os

companheiros andou saqueando garimpos, enchendo-se de diamantes, fugindo para a capital. Lá se estabeleceu como uma força pública e foi enviado a Amaro Leite como fiscal de eleições.

Como sabemos, o poder de dominação e autoritarismo fazia parte daqueles que dominavam a província de Goiás e Tambiú não fugiu à regra. Obrigava as pessoas a darem o que ele queria, chegando até atirar em um habitante da cidade, porque este olhava para ele. Mas o chefe político do lugar não gostou da concorrência, mandando dois “cabras” atrás dele, que fugiu para outro lugar.

Nesta narrativa, podemos perceber como o poder, seja ele para controlar ou violentar a sociedade, é tema recorrente nos contos aqui analisados. A violência é narrada de forma a nos revelar a agressividade que pairava sobre as pequenas cidades encravadas no interior de Goiás. A morte no sertão tem requintes de intensificação. Assim,

Nos ermos e gerais, o destino do homem é conduzido ou pelo poder do coronelismo ou pelo poder do acaso, do imprevisível, do que, paradoxalmente, não se prende a um domínio lógico, mas que condiciona uma situação e regula o valor de um comportamento. O imprevisível, nos ermos generalistas, muitas vezes, adquire comicidade, burla o esperado e mostra o homem diante do ridículo, do escárnio. (MARQUEZAN, 2005, p.XXIX)

Apesar de o conto *A crueldade benéfica de Tambiú* ter um cunho cômico, a violência é colocada de modo explícito, mesmo resultando em algo que beneficiasse a quem foi atingido por ela. Desse modo, Bernardo Élis (2005), revela-nos a vida dos habitantes dos ermos, lugares esquecidos pelo progresso e civilização.

A cidade de Amaro Leite comprova o que McCreery (2006, p. 9) relata em seus estudos *Frontier Goiás*, pois

no século XIX, Goiás exibiu um surpreendente número de cidades, que originou da mineração [...] cidade foi um termo relativo. Não foram mais que assentamentos em Goiás século XIX, mais propriamente pequenas aldeias (Arraiais) do que cidades. Essas permanecem praticamente vazias durante a maior parte do ano,

enchendo-se apenas quando as pessoas da zona rural vão para as festas de padroeiros, eleições, júri [...]

Tanto *A enxada* como *A crueldade benéfica de Tambiú* demonstram de maneira relevante esse abandono que as cidades sofreram depois da época da mineração, quando os bandeirantes para cá vieram em busca de riqueza. Mas Goiás era distante, isolado da capital e quando o ouro se esgotou, as cidades foram abandonadas à própria sorte, ficando aqui apenas aqueles que adquiriram propriedades e, de uma forma ou de outra, dominavam e exploravam os menos favorecidos.

A fronteira foi um lugar de realizações e frustrações, onde o homem encontra consigo mesmo, percebendo seu poder e suas fraquezas estabelecidos pela luta constante entre o que quer e pode fazer. Nessa fronteira a natureza pode ser aliada ou inimiga, dependendo do ideal proposto pelo indivíduo na sua busca por dias melhores. Foi o que vimos no conto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*, em que a família *dos Anjos*, vindo para o sertão em busca de melhoria de vida, depara-se com a natureza crua dos ermos, que de acordo com o conto, em nada contribuía para o progresso dessa família. A natureza assume “vida” numa personificação dada pelos membros dessa família, já que aquela só lhes despejava destruição: ora era a erva daninha que provocava a morte do rebanho, ora o rio que invadia e inundava tudo, o que levou à morte de todos seus membros.

Goiás, como descrito por McCreery (2006), apresentava não uma fronteira, mas várias, onde tudo podia acontecer e esse tudo foi muito bem retratado nos contos de Bernardo Élis. A dominação exercida pelos poderosos, que controlavam a província e mantinham as pessoas subjugadas, como em *A enxada*, o isolamento da província que conservava livre os criminosos da época, vindos para Goiás certos de poderem continuar a exercer sua “profissão”, descrito em *A crueldade benéfica de Tambiú*. Diante de tudo, podemos notar como McCreery (2006) e Bernardo Élis conversam entre si, de modos distintos, para demonstrarem como a questão da fronteira envolve as relações humanas. Pudemos ainda perceber como Élis trabalha a questão da fronteira em sua obra, seja ela despida de seus atributos reais ou num construto de realidades que denunciam o embate entre os homens e suas ambições desmedidas de conquistador.

### CAPÍTULO III

## A NATUREZA E AS REPRESENTAÇÕES DA FRONTEIRA CERRADO NA LITERATURA DE BERNARDO ÉLIS

A história tem provado que tudo que se escreve, desenha, fotografa reflete uma determinada época. A literatura é uma forma maravilhosa de deixar-nos perplexos diante de possíveis questionamentos postos pelo homem enquanto ser vivente. É com esse mote que visitamos Bernardo Élis, cujos escritos demonstram como viveram os homens no sertão de Goiás, no início do Século XX.

Iniciamos este capítulo com uma citação de Murari em seu artigo *Redescobrimo a Natureza e seu Território*, a fim de podermos introduzir o espaço físico-temporal em que deu a construção dos contos de Bernardo Élis – *A enxada*, *A crueldade benéfica de Tambiú* e *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*.

O Brasil nunca foi tarefa fácil. Não por acaso a mitificação em torno das *entradas* e, maiormente, das *bandeiras*. Abrir mão do conforto do litoral e de seus galicismos para se arriscar território adentro rumo ao ‘sertão’ era empreitada para poucos. De todo modo, pode-se interpretar esse movimento como sendo o encontro do brasileiro consigo mesmo; penetrar a natureza pátria e descobrir seus mistérios era entrar no âmago da identidade nacional, revelando ao mundo as singularidades, a essência da terra brasilis. (2009, p.196),

Nesse “sertão”, encontra-se Bernardo Élis, cuja produção literária tem como foco Goiás, suas cidades. Seus assuntos prediletos são as personagens goianas, suas vidas, seus relacionamentos, sejam entre si mesmos ou entre o homem e a natureza.

Segundo Barca (2012, p. 7) o “conceito de natureza e os termos que

estão associados a ela são, em muitos sentidos, históricos. Os seus significados, e as próprias palavras, são historicamente construídos, ao mesmo tempo refletindo e constituindo a mudança social”. E, ainda conforme Silva; Bandeira; Tavares (2013),

as paisagens naturais obedecem aos ciclos de mudanças e transformações que regem as leis da natureza, marcadas pelas temporalidades. A relação humana com essas paisagens, seus espaços, territórios, vegetação em suas diferentes temporalidades acabam conferindo a natureza um sentido histórico.

Bernardo Elis é um escritor de grande relevância na literatura goiana, seus contos fazem uma relação com a história, possibilitando uma melhor averiguação dos aspectos por onde passam a ficção e a realidade em suas obras. Mesmo porque o autor viveu grande parte de sua vida no interior de Goiás, vivenciando a realidade histórica e social desses lugares, tratando de modo diferente, particular os fatos históricos que por lá se desenrolavam.

De acordo com Veloso (2011), o escritor não apenas narra, mas também expõe a sua subjetividade acerca do mundo social, que é, ao mesmo tempo, internalizado como realidade objetiva. Em suas palavras, “não há, portanto, um mundo dos fatos pairando acima do indivíduo. Essa relação unilateral e objetiva entre os termos não existe. Existe, sim, uma profunda dinâmica entre indivíduo e sociedade feita de interações, deslocamentos e modificações” (VELOSO, 2011, p.240). Nesse sentido que consideramos que a literatura pode ser percebida como uma fonte privilegiada da História, e em extensão da História Ambiental, na medida em que apresenta as representações da relação homem/natureza, destacando paisagens e inter-relações numa narrativa que auxilia a busca de sentidos para a escrita e reflexão historiográfica.

Segundo Pesavento (1988), o trabalho da literatura não é transcrever a realidade, pois ela já existe, está estabelecida, mas sim, transfigurá-la, de modo que o autor possa problematizá-la, usando-a como matéria-prima, recriando essa realidade. Ainda de acordo com a autora, “o grande valor da literatura moderna reside em sua predisposição a explorar o movimento da linguagem e do significado em todos os aspectos da experiência social, política e pessoal” (PESAVENTO, 2008, p. 159).

A literatura de Bernardo Élis surge no início do século XX, descrita como regionalista. “O regionalismo não se esgotava na problemática do espaço e da localidade, pois investia na busca da substância local, que se estendia da natureza dos homens, aos modos de vida e aos dramas vivenciados” (MURARI, 2009, p. 197). O lugar onde o ser se encontra contribui para o estabelecimento da relação do homem e a natureza.

A significação do trabalho de colonização passa pela aceção da integração do homem com a natureza, em que o sertão e as diligências de invasão no interior do país são o núcleo de um procedimento de conquista territorial e de alargamento da fronteira (MURARI, 2009). É o encontro do homem com a natureza virgem, que pode levá-lo à vitória ou à derrota. Tudo depende de como esse homem vai se estabelecer.

Em seu capítulo *Em guerra contra a natureza*, Murari (2009, p.126) afirma que

Na literatura, a representação da natureza e de suas relações com a sociedade foi significativamente transformada pelo movimento de renovação intelectual observado a partir a assimilação do moderno racionalismo europeu, nos últimos decênios do século XIX. [...] A narrativa relativa constrói-se a partir da acumulação minuciosa de fatos, encadeados de forma a compor uma trajetória específica e um quadro detalhado da vida real, com ênfase nas questões da contemporaneidade.

Diante dessa afirmação, podemos dizer que Bernardo Élis soube muito bem construir minuciosamente os fatos passados no sertão de Goiás, sejam eles verídicos ou fictícios. Em seus contos *A enxada*, do livro *Veranico de Janeiro*, *A crueldade benéfica de Tambiú* e *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*, de *Ermos e Gerais*, o encontro do homem com a natureza, bem como sua convivência com ela, não é fácil.

Bernardo Élis não é considerado um escritor realista, e sim regionalista. Entretanto, a linha que divide a “literatura realista” da “literatura regionalista” é muito tênue. O escritor apresenta em seus contos, uma linguagem em que o significante e o significado nos levam a entender melhor a realidade na qual estão inseridos seus personagens em seus respectivos ambientes. Conforme Almeida (1985, p.27) em seus estudos sobre os regionalistas afirma que “Nenhuma literatura reflete melhor a

alma, a consciência, a filosofia do povo que a regionalista. Espontânea, natural, revela toda a beleza, toda a pureza da alma e atesta que o escritor moderno é arcaizante”.

A questão estabelecida entre o homem e a natureza, no sertão de Goiás, aparece na literatura regionalista de Bernardo Élis e, de acordo com Murari (2002, p.173-174) “foi privilegiada pelo regionalismo realista que proliferou na literatura brasileira principalmente a partir da última década do século XIX, literatura de retorno aos universos em que a natureza ocupava ainda um espaço significativo na vida do homem”.

O conceito de Ermos e Gerais, nome de sua mais destacada obra, cumpre esse papel, na medida em que relaciona a natureza numa categoria antrofitogeográfica. Outro importante detalhe é a forma como determinados elementos da natureza aparecem na narrativa, como cenário e ao mesmo tempo com sentidos que beiram o maravilhoso, vem do seu universo realista em que o real e o fantástico se colocam como forma de tornar a realidade mais compreensível do que o próprio universo real. Uma realidade hiperbólica (SILVA; BANDEIRA; TAVARES, 2013).

Nessa obra, *Ermos e Gerais*, Bernardo Élis escolheu trabalhar com personagens anônimas, num contexto de sertão, às vezes de natureza selvagem, empregando um ritmo real, prodigioso, ao tratar o referencial de um povo. Murari (2009, p.127) afirma que “As personagens tornam-se, neste contexto, documento da condição do homem quando exposto a circunstância pretensamente mais ‘verdadeiras’ que aquelas vividas na estabilidade da experiência burguesa”.

Conforme Barca (2012, p. 7) o

conceito de natureza e os termos que estão associados a ela são, em muitos sentidos, históricos. Os seus significados, e as próprias palavras, são historicamente construídos, ao mesmo tempo refletindo e constituindo a mudança social.

As paisagens naturais, aqui o sertão, lugar esquecido, obedecem a uma série de alterações e variações que gerem as leis da natureza, marcada pelo tempo. A relação do homem com a natureza, seus espaços, territórios acabam conferindo a

ela um sentido histórico.

Em seu livro *Veranico de Janeiro*, o autor já nos direciona para o tempo em que se passam suas histórias, nesse caso, o período climático do ano, assim carregando de sentidos e significações para aqueles que vivem em Goiás. “Bernardo Élis aventa o modo de vida dos indivíduos que vivem no “sertão goiano”, e, ao tratar de aspectos culturais e da relação ser humano/natureza, expõe as contradições, conflitos, desigualdades, paradoxos e ambiguidades que aí perpassam” (CIRQUEIRA, 2011, p.84).

As obras de Bernardo Élis trazem uma linguagem que mostra agilidade e concisão, como podemos perceber na fala de seus personagens, embora o autor não abra mão dos detalhes, deixando vir à tona o real sentimento de suas personagens, mantendo a linha tênue que separa o real do irreal. Os aspectos linguísticos são relevantes e, segundo Almeida (2005:46) “Os recursos de linguagem de que lança mão enquadram-no entre os autores que merecem acurado estudo, não apenas com o que se relaciona com o conteúdo, mas com o que diz respeito ao aspecto linguístico que suas obras apresentam”.

No que se refere à relação entre literatura e história ambiental, podemos considerar que os escritos de Bernardo Élis descrevem a relação entre o camponês nas fronteiras do Cerrado e suas sociabilidades, vivências e dramas no Oeste do Brasil. Em sua obra *Ermos e Gerais*, relaciona o cenário de sua narrativa com as paisagens do cerrado, descritas como as “Gerais”. Essas foram denominadas por relacionar ao lugar desabitado, de terras devolutas, esquecidas por aqueles que aqui passaram nos tempos da mineração. “Gerais” também era a forma coloquial de referir-se ao Cerrado. Era uma expressão popular que, ao mesmo tempo em que dizia respeito a uma paisagem, descrevia, ainda, a condição humana, seu isolamento, sua relação com o cenário típico dos campos do Planalto Central. Ermos, distantes, humanos, as “Gerais” de Bernardo Élis.

De acordo com Silva; Bandeira e Tavares (2013, p.8).

As narrativas de Élis trazem uma riqueza de personagens que, a despeito de vivenciarem condições sociais diversas (coronéis, imigrantes, escravos, camponeses), de gênero, de poder e intelectualidade, frequentavam o mesmo ambiente natural que se impunha acima de todos.

Murari (2009) comenta sobre a “maneabilidade da natureza”, a partir da influência da obra de Henry T. Buckle (História da Civilização na Inglaterra), em que a natureza deveria servir aos propósitos dos homens. Caso contrário, ela se voltaria contra eles, exercendo uma força despótica de dominação e subjugo. Em suas palavras,

[...] localidades insuladas, regiões de natureza virgem, comunidades tradicionais vivendo em estreita dependência em relação ao ambiente natural, territórios desérticos e inexplorados, paisagens sentimentais, um Brasil estranhamente distante que o transporte ferroviário ajudava a aproximar da elite urbana brasileira. Estes espaços tornaram-se não apenas cenários e personagens de ficção romanesca, como temática sociológica, objeto de pesquisa e de exploração, algo que cabia conhecer, registrar, inventariar, seja em função da ameaça destrutiva do progresso inevitável, seja como território e matéria-prima para a construção do futuro de prosperidade que os visionários do progresso aguardavam (MURARI, 2009, p. 31).

O sertão de Bernardo Élis é um universo construído de realidades expressivas e humanas que se entrelaçam em harmonia e superam com eficácia a realidade em que se vive (CÂNDIDO, 1995). A inspiração de Bernardo para escrever, de acordo com Almeida (2003, p.61), “veio da História e suas narrativas demonstram sua habilidade de pesquisador ávido da História de Goiás”.

O conto *A crueldade benéfica de Tambiú* (ÉLIS, 2005) evidencia tempos históricos, como o da mineração, por exemplo, quando o autor apresenta a cidade de “Amaro Leite”. Vejamos:

Amaro Leite, fundada pelo bandeirante que lhe deu o nome, era uma povoação cadavérica do então anêmico sertão goiano.

Da cidade de outrora, só restava uma meia dúzia de casas velhas, sujas, arruinadas, tocaiando o tempo, na dobra da serra imensa. E na embriagues do silêncio purulento de ruínas, relembra glórias mortas, tropel de bandeiras, lufa-lufa dos escravos minerando nos arredores auríferos.

A tristeza irônica das grandes taperas mostrava o rico fastígio burguês, gordo e fácil daqueles tempos de Brasil curumim.

Isto era Amaro leite em 1927, Hoje, deram-lhe umas injeções de óleo

canforado do progresso. Abriram uma estrada de automóvel que se afunda pelo norte até o médio Tocantins e a velha cidade refloresce com uma pujança agradecida.

Pois bem, aí em 1927, morava um tipo preguiçoso [...] (ÉLIS, 2005, p.117-118).

As personagens de Élis dividem seus dilemas com o cenário natural nos domínios do Cerrado. Muitas vezes, esses dilemas eram caracterizados no despotismo na natureza. Muitos não apresentavam disposição para sobrepor-se a esse despotismo, acabavam por culpar a natureza por tudo que lhes acontecia. Violência, espoliação, enfermidades, catástrofes, exploração, e outros dilemas da condição humana eram entendidos como a mão pesada dos ermos e gerais.

Em *A crueldade benéfica de Tambiú*, presente no livro *Ermos e Gerais*, Élis leva-nos à cidade de “Amaro Leite”, um lugar sem graça, sem nada oferecer. Essa cidade viveu os tempos áureos da mineração, lá se encontrava um elemento poderoso da natureza, o ouro. Aquele que traria riqueza e prosperidade à cidade e aos cidadãos. Mas conforme descrição de Élis (2005), a cidade transformou-se em lugar feio, quase que um povoado.

Para esse lugar foi Tambiú, cangaceiro do sertão da Paraíba. “Cansado, porém, de matar e roubar ali, afundou-se nos rumos de Goiás, pelo luxo exclusivo de mudar de ares” (ÉLIS, 2005, p.120). Neste conto, o ápice dos fatos, em várias passagens, deram-se à noite, como em

De noite, na vendola porca de um cearense bexigoso, tocavam sanfona, viola e, à luz cretina de uma candeia de barro [...].

Certa noite, na venda quase deserta (só havia Nequinha [...]).

[...] ficou um murmúrio temeroso, envolto na cobardia azul da noite, cheia de cintilações de estrelas (ÉLIS, 2005, p.119-120).

A noite representa o tempo em que tudo pode acontecer, como se ela pudesse encobrir, ou mesmo, minimizar os acontecimentos. Entretanto, a noite não participava das ações, apenas as assistia, talvez, por isso, o trecho “na cobardia azul da noite, cheia de cintilações de estrelas” (ÉLIS, 2005, p. 120). Mesmo descrevendo acontecimentos ruins, Élis deixava transparecer a beleza existente na natureza. A

noite que era azul, não um azul noturno, mas aquele em que as estrelas brilhavam, portanto, um céu cheio de belezas cintilantes.

Depois de atirar em “Nequinho”, como era chamado o caolho que estava sempre na venda, Tambiú teve que sair em retirada. Para isso, ele deveria atravessar o rio, o Tocantins. Mais uma vez vemos outro elemento da natureza presente em seus contos. O rio representa um obstáculo a ser transposto por aqueles que pretendem ir a cidades que ficam do outro lado da margem.

No rio deu-se o embate entre o barqueiro e Tambiú. Este queria atravessar o rio, de qualquer modo, rapidamente. No entanto, o barqueiro se prestava a fazer outros tipos de travessias, por exemplo, em sua resposta a Tambiú: “— Num travesso ninguém im antes da boiada, - sentenciou o barqueiro. — Se ocê quisé, mete o braço, uai!! Sabe nadá, num sabe?” (ÉLIS, 2005, p.121) Quem poderia atravessar rio de largura extensa como o Tocantins? O rio representava um obstáculo para quem buscasse outros lugares.

O rio também serviria de ajuda ao barqueiro que bem o conhecia, pois quando Tambiú pegou o fuzil e atirou, o barqueiro

que tinha o corpo fechado, logo que sentiu a bala passar tinindo nos seus ouvidos, deixou-se tombar no rio e continuou mergulhando para a margem. Entretanto, ele sabia que Tambiú queria a barca, e, do fundo d'água, pôde discernir um vulto nadando na superfície, e que procurava a canoa. Não duvidou. Chegou por baixo e cravou muitas facadas no ventre e no peito do vulto (ÉLIS, 2005, p. 122).

De acordo com Arruda (2008), a princípio, as construções imagéticas trazidas por nós acerca dos rios são humanas, impregnadas de histórias, originadas pelos aspectos sociais. Esse fluir das águas compreende um pouco da relação antiga do homem com a natureza. Mais ainda, “[...] devemos desvendar os significados que os rios assumiram no processo de constituição dos territórios e aprender a respeitar o seu ritmo, ritmo de suas águas e suas correntezas” (ARRUDA, 2008, p. 12).

Já no conto *A enxada* (ÉLIS, 1979), o autor mostra-nos através da história de Supriano, reduzido a “Piano”, que a natureza está intimamente ligada à

construção de tipos humanos. A história da luta de “Piano” para conseguir a enxada, que permitiria a ele plantar o arroz a fim de não morrer nas mãos do poderoso coronel, leva-nos a perceber a relação de conflito entre homem e a natureza. A terra era dura e não havia outra ferramenta para a execução do trabalho. A enxada é um elemento ligado intimamente à natureza, pois é objeto que permite carpir a terra e revolvê-la a fim de que possa receber as sementes da plantação.

Esse conto, no livro *Veranico de Janeiro*, revela-nos como a natureza está intrincada na vida dos personagens de Élis. Veranico é uma época do ano, em Goiás, de estiagem rápida, em que os agricultores vão para o campo a fim de plantarem, antes que a chuva retorne. A época em que a natureza, com sua bondade, permite ao homem plantar a fim de prover o seu sustento. A enxada tão procurada por “Piano” destinava-se a esse fim, uma vez que o coronel queria a roça de arroz plantada, esperando a chuva para que a roça pudesse germinar.

As paisagens, no conto *A enxada*, imaginárias ou não, levam o personagem a criar uma ilusão frente à realidade que o espera. Isso acontece com “Piano” quando ele parte em busca da enxada. Depois de muito procurar, em lugares distantes do rancho em que morava, ele volta para casa sem a enxada. Os pensamentos de “Piano” estão confusos, porque o cansaço é grande, misturam realidade com imaginação. É o que acontece, por exemplo, em

Como é que pode ter tanto vaga-lume, meu Divino? – perguntava a si mesmo o camarada admirado da infinidade de pirilampos que riscavam a noite. Riscavam na copa dos muricis, dos paus-terra, das lobeiras da frente do rancho. Piscavam nos ares, aqueles traços de fogo imitantes fagulhas de queimada. ‘que nem Homero Ferreiro’. Homero com avental de couro, a peitaria à mostra, metendo o malho no ferro que espirrava pirilampos, enquanto a foice ia saindo, a enxada ia saindo. Ah, enxada! [...] Pela frente do rancho, os vultos negros dos cupins, das lobeiras, das moitas de sarandis eram ferreiros arcados nas forjas fabricando enxadas, as faíscas dos caga-fogos espirrando a torta e a direita, no escuro da noite (ÉLIS, 1979, p. 51).

O conflito vivido por “Piano”, conseguir a enxada para não morrer, tem influência no olhar do personagem sobre a paisagem que o cerca, uma linha tênue separa a realidade da imaginação. A paisagem tem presença marcante neste conto.

A descrição da noite, quando “Piano” se propõe a buscar a enxada em um sítio muito ao longe de casa. Élis (1979, p. 45) descreve, desse modo, a paisagem:

Na mata dos Chaveiros, a noite o alcançou. Como era dezembro, a noite não veio assim de baque. Veio negaceando, jaguatirica caçando jaó, jogando punhado de cinza nos arvoredos, uma bruma leve pelos valados arroxando a barra do horizonte, um trem qualquer piano triste num lugar perdido, coruja decerto.

A paisagem mostra a percepção exterior e interior que vai dentro daquele que escreve. Ele a revela de acordo com suas vivências e convicções. Em Élis, a natureza retratada é parte integrante da vida dos personagens.

Almeida (1985, p. 48), em sua análise literária acerca desse conto, assim escreve:

Bernardo Élis, em sua narração, vai evocando a terra, o homem, suas misérias, suas maldades, ao mesmo tempo em que aguça a sensibilidade do leitor, fazendo-o acompanhar, em todos os lances, a vida de seus personagens. E somos conduzidos, pelas mãos hábeis do escritor, à peregrinação inteira de Piano que imagina meios para conseguir a ferramenta.

Assim, encontramos “Piano” à procura de mel para vender e arrecadar dinheiro para comprar a enxada. É a natureza servindo como sustento e provedor de suas necessidades. No entanto, o dinheiro não serviu para tal fim e os dias de “Piano” eram ficar em cima de uma porteira para ver se por ali passava quem lhe pudesse emprestar uma enxada. Sua mulher advertia-o, dizendo que porteira era lugar muito perigoso onde havia onça, cobra, toda espécie de bicho que poderiam matar o marido. Mais uma vez os elementos da natureza encontram-se aí descritos.

A peregrinação de “Piano” não terminou. Em uma de suas andanças, depois de ter andado bastante, sentiu um cansaço enorme e a vista turva, pôs, então, a descansar e

percebeu que fazia um calor de matar, embora não se visse o sol. Nuvens pesadíssimas, negras, baixas, toldavam o céu. ‘Tomara que chova.’ Com esse veranico, quem é que pode plantar? Embora desprevenido de enxada, se o diabo desse solão continuasse como

ia, não sobejaria qualquer esperança de colheita. ‘Tomara que chova.’ [...] Chuva dia e noite. Não chuva braba, que Santa Bárbara o defendesse, que essa levaria a terra e encheria o córrego e arrastaria todo o arroz que ‘Piano’ ia plantar pela encosta arriba, o arroz que crescia bonito, verdinho, verdinho, fazendo ondas ao vento (ÉLIS, 1979, p.48)

Murari (2009), em seus estudos, afirma que os elementos da natureza ameaçavam à sobrevivência dos homens. Até mesmo os que eram considerados benéficos, como a chuva, poderiam arruinar os planos do homem do sertão, se em tempo e quantidade não esperados. A chuva é um elemento que aparece em todos os contos do livro *Veranico de Janeiro*, ela é divisora do tempo e no modo de vida rural. Incrivelmente, as imaginações de “Piano” remetem a uma natureza que o aliviaria se a chuva viesse na medida certa.

No entanto, no final do conto, encontramos o personagem cavoucando a terra com as próprias mãos, com os ossos do punho visíveis, misturado a raízes e pedregulhos, no desespero de cumprir a ordem do coronel. Élis (1979, p.54) narra o momento em que os soldados do coronel vão à procura de “Piano” a fim de verem se ele havia plantado a roça de arroz, “Chegando à grota, logo os soldados viram a roça. Piano já havia plantado o terreno baixo das margens do corgo, onde a terra era mais tenra, e agora estava plantando a encosta, onde o chão era mais duro”. Chovia, não aquela chuva forte, mas uma chuvinha fina e “Piano” plantava com as mãos em seu desespero para não morrer. Mesmo assim, foi morto pelos soldados enviados pelos soldados do coronel.

Já no conto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá* o enredo é outro, mas os elementos da natureza centralizam as ações desenvolvidas nesta história. O conto inicia-se com uma frase de Nhola, a respeito da chuva que não parava de cair.

— Fio, fais um zoio de boi lá fora pra nós.

O menino saiu do rancho [...] debaixo de uma chuva miúda e continuada, enfiou o calcanhar na lama, rodou sobre o pé, riscando com o dedão uma circunferência no chão [...].

Isso era simpatia para fazer estiar. E o menino voltou.

— O rio já encheu mais? – perguntou ela.

— Chi, tá um mar d’água. Qué vê, espia (ÉLIS, 2005, p.3).

A chuva é elemento da natureza muito importante nesse conto, porque ela é que provoca a cheia do rio Corumbá, o elemento principal no conto. As águas das chuvas vão destruindo o rancho da família “Dos Anjos” e a vida de seus moradores. A chuva era torrencial e não parava, as águas subiam, levando tudo que havia no rancho (JORGE, 2005). Essa passagem ganha destaque narrada por Élis (2005, p.6).

A chuva caía meticulosamente, sem pressa de cessar. A palha do rancho porejava água, fedia a podre, derrubando dentro da casa uma infinidade de bichos que a sua podridão gerava. Ratos, sapos, baratas, grilos, aranhas, - o diabo refugiava-se ali dentro, fugindo à inundação que aos poucos ia galgando a perambeira do morrote.

A chuva, componente da natureza, não se importava com nada, ela surgia forte, impetuosa, mostrando seu poder, enchendo rios, derrubando casas. É o rio transformando-se em elemento violento, capaz de levar tudo consigo, não só o rancho com o que nele havia, mas também as esperanças da família Dos Anjos de construir ali um lugar melhor para se viver.

O rio Corumbá é um elemento importante na infância de Élis. Segundo o autor,

De tudo, [...], o melhor que havia em Corumbá era o rio, Rio Corumbá chamado, amigo e generoso, correndo sobre lajedos e brancas areias, despencando das fraldas dos Pirineus as águas frias e muito limpas. [...]

Mês sem erre, nesse era proibido lavar corpo no rio. (1979, p. ix)

Murari (2009) afirma que a literatura regionalista cultivou de maneira exaustiva a questão da luta do homem contra a natureza. Era uma visão realista que via na vida diária do homem do campo a ideia de que a natureza era indefinidamente opositora do homem. Se aplicado aqui o darwinismo social, no conto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*, perceber-se-á, de acordo com a mesma autora, que “[...] no contexto da desigualdade e competição, determinados traços criariam vantagens, e determinariam a sobrevivência dos mais aptos [...]”

(2009, p.130), nesse caso o rio seria o ser mais apto.

Segundo Marchezan (2005), a obra de Bernardo Élis observa a natureza como uma função poética com a qual homologa as temáticas de suas narrativas. Como no texto do conto de *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*, em “Começou a escurecer nevroticamente. Uma noite que vinha vagarosamente, irremediavelmente, como o progresso de uma doença fatal” (ÉLIS, 2005, p. 4), podemos perceber que a noite vem sempre acompanhada de adjetivos, sejam eles de cunho elogioso ou pejorativo.

Ainda para Marchezan (2005), as narrativas fundamentam-se em analogias contrastantes, definidas como “hipérbole expressionista”, que evidencia o drama do sertanejo nos ermos da fronteira e nos domínios do cerrado. Um realismo que evidencia as diferentes violências que se impõem: abandono e desumanização. A natureza, nesse realismo hiperbólico e expressionista, cumpre um papel cruel quase do julgamento e punição. Algumas imagens da natureza repetem-se no exercício poético da impiedade.

Dentre as fortes imagens da natureza nessas narrativas destacamos as representações da “noite” e dos luminares no firmamento. A noite constitui-se, muitas vezes, em determinados contos, como uma figura simbólica que compõe, cenograficamente, os dramas, angústias e aflições da alma humana nos ermos e gerais. As narrativas, nesse sentido, procuram forjar as vivências e sociabilidades ao cenário natural das gerais: uma noite colérica, que vinha vagarosamente, compor o cenário na tragédia da família Dos Anjos, às margens do Corumbá.

A noite adquiriu, em Bernardo Élis, um sentido barroco do sertão goiano, apresentado, posteriormente em seus relatos memorialista, cedido em entrevista ao Prof. Giovanni Riccardi, da *Facoltà di Lingue e Letterature Straniere de Bari*, Itália:

Como a cidade estava perto de um vale profundo, a noite caía em bloco; e quando não havia lua e o céu não era limpo, a escuridão era total. Uma coisa que me dava prazer àquele tempo era ficar na porta do quintal da casa olhando a noite rasgada por relâmpagos cor de ouro, enquanto, sentada na rede, minha mãe cantava modinhas de famosos modinheiros de sua terra – Goiás (ÉLIS, 1997, p. 42).

Esse recorte memorialista é apresentado nesta discussão como forma de evidenciar que as marcas da infância nos *Ermos e Gerais* assumiam novas representações nas narrativas de Élis. Destacamos o papel da noite e do firmamento, muitas vezes vinculados a poderes sombrios e sobrenaturais associadas a estórias fabulosas de punições, mortes, tragédias que reforçam o sentido barroco na *wilderness* brasileira.

As narrativas associam um estágio de natureza sublime, presente nos ermos e gerais, em contraposição à revelação do grotesco da alma humana que habitava esses lugares. Um sentido barroco da contradição que marcava a relação entre sociedade e *wilderness*. Esse sentido barroco também pode ser identificado na forma de representar o trágico e o maravilhoso. Em suas memórias, esse sentido barroco é revelado pela influência da serviçal que prestou serviços em sua casa, um ramo decadente da tradicional família dos Fleury-Curado. Rosa foi acolhida em sua casa em decorrência de uma tragédia familiar. No entanto, a forma como essa serviçal posiciona-se frente à vida e aos seus dramas evidenciava as fragilidades da educação recebida dos pais. Ao mesmo tempo, via em Rosa o exemplo de bravura e determinação, a despeito dos seus próprios dramas. Assim, o autor reconhece em Rosa sua relação com o trágico e o maravilhoso. Em suas palavras:

[...] eu compunha a minha própria canção narrando estórias fabulosas, geralmente trágicas, como as que Rosa nos narrava, de mortes e assombrações, de feiticeiros e fadas miraculosas, a inúmeras assombrações que moravam em cada recanto da casa, em cada beco, em cada esquina, com os quais éramos ameaçados a cada instante (ÉLIS, 1997, p. 42).

Além dos medos do universo do maravilhoso e sobrenatural, a educação na fronteira era baseada, ainda, em outros medos. Esses terrores dos ermos e gerais contribuíam para a formação da personalidade do autor. Do mesmo modo, era apropriada nas narrativas, não apenas em relatos do universo fabuloso/maravilhoso, mas também naqueles em que o cenário natural assumia um sentido do terror:

Tudo era perigoso. Havia indígenas e ciganos que roubavam crianças

e as escravizavam, furando-lhes os olhos ou arrancando-lhes a língua, touros e vacas bravios, cobras, onças e lobos que atacavam as pessoas descuidadas. O rio era um perigo permanente por suas febres, seus poços sem fundo, pela correnteza arrebatadora. (ÉLIS, 1997, p. 42)

O conto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá* serve como exemplo dessa relação, tendo o Cerrado como paisagem. O texto narra a trajetória de uma família de imigrantes mineiros que vieram para a fronteira goiana, na segunda metade do século XIX. Essa temporalidade fica explícita no momento em que o autor relata que os campenses vieram “no tempo da Guerra do Lopes” (ÉLIS, 2001, p. 132), durante a Guerra do Paraguai. Esses moradores da fronteira instalaram-se às margens do rio Corumbá, iniciando uma atividade de criação de gado (*cattle frontiers*<sup>2</sup>) e fixaram-se próximo a antigas áreas remanescentes da exploração aurífera de Corumbá e Meia Ponte (Pirenópolis). O texto retratar a dureza do sertão goiano nos anos em que ondas migratórias deslocavam-se para a fronteira, apresentando um trágico enredo para a família Dos Anjos.

O conto narra uma noite de destruição causada pela cheia repentina do rio e o extermínio dos últimos remanescentes: Nhola (a velha matriarca), Quelemente (o filho) e o neto, que não é identificado nominalmente no texto (um fato que evidencia o desprezo pelas crianças). A intenção da família “Dos Anjos” era possuir uma propriedade em áreas devolutas do sertão goiano. Porém, a “maleita”, como os sertanejos costumavam denominar as doenças do mato, e outros agravos dizimaram grande parte dos membros da família e suas poucas economias. E naquela noite fatídica a natureza levava os remanescentes na cheia do Rio Corumbá.

Entendemos que a força do texto de Bernardo Élis está na temática universal da luta pela sobrevivência e no sentido simbólico que o poder da natureza assumia sobre aqueles sertanejos, por meio das potentes águas da cheia do Corumbá que levavam a casa e seus moradores em suas corredeiras. No conto, o autor descreve uma cena em que os três (avó, filho e neto), além do cachorro (Chulinho), vagueavam numa jangada, uma porta de buritis improvisada, lutando contra a violência das águas que rumavam em direção à cachoeira, o salto do

---

<sup>2</sup> Sobre o papel das Cattle Frontiers na expansão e história da fronteira na América Latina e em Goiás, ver Hennessy (1978) e McGreery (2006).

Corumbá.

A velha matriarca caiu no rio e ficou presa a essa jangada, tentando agarrar-se a ela. A dramaticidade do texto expõe o desespero do filho diante do perigo eminente. O dilema estava entre escolher socorrer a mãe entrevada, ou proteger o filho e a si mesmo da fúria das águas e a cachoeira que se aproximava. A dramaticidade é assim narrada pelo autor, que inclui nesse dilema os azares da natureza:

As águas roncavam e cambalhotavam espumejantes na noite escura que cegava os olhos, varrida de um vento frio e sibilante. [...] águas escachoantes, rugindo, espumejando, refletindo cinicamente a treva do céu parado, do céu defunto, do céu entrevado, estuporado (ÉLIS, 2001, p. 135).

Seu filho Quelemente solta-lhe um chute de desespero, lançando a mãe na escuridão das águas. Porém, ao perceber a violência moral do seu ato, deixa-se levar pelas águas gritando pela mãe. E o rio reclamava mais uma vítima.

Bernardo Élis procurou trabalhar com o sentido figurado da *wilderness* em suas representações da natureza, sobretudo por meio da sinestesia, linguagem que transfere as percepções de um sentido a outro, resultando em impressões sensoriais, que nos faz quase participantes das cenas. Por meio da sinestesia ele procurou transmitir as surpresas que a paisagem lhe trazia. Além dessa figura, a personificação ou prosopopeia é intensamente trabalhada em seus contos, dando características de ser humano ao não humano, além, de emprestar vida a seres inanimados. No entanto, a figura marcante de sua obra é a metáfora, uma comparação sutil, aproximando dois seres ou fatos com características comuns entre si (LAPA, 1998). Esse é um recurso estilístico muito rico com o qual ele pinta quadros fantásticos, fazendo um jogo formidável de palavras.

Exemplos dos recursos da linguagem na representação da *wilderness* podem ser identificados em alguns recortes que fazemos para destacar a riqueza das descrições de Bernardo Élis. A noite, elemento que apresentamos anteriormente, se mostra de forma marcante em suas narrativas: “Começou a escurecer nevroticamente. Uma noite que vinha vagarosamente, irremediavelmente,

como o progresso de uma doença fatal” (ÉLIS, 2005, p. 4). Além da noite, as representações do rio: “Agora a gente só ouvia o ronco do rio lá embaixo – o ronco confuso, rouco, ora mais forte, ora mais fraco, como se fosse um zunzum subterrâneo” (ÉLIS, 2005, p. 4). Rio proibido, perigoso. Às vezes calmo e tranquilo e de águas transparentes. Mas às vezes ameaçador, como na seguinte passagem:

A água barrenta e furiosa tinha vozes de pesadelo, resmungo de fantasmas, timbres de mães ninando filhos doentes, uivos ásperos de cães danados. Abriam-se estranhas gargantas resfolegantes nos torvelinos malucos e as espumas de noivado ficavam boiando por cima, como flores sobre túmulos (ÉLIS, 2005, p. 12).

O rio dialogava com a noite, num diálogo trágico entre os elementos da natureza: “Não havia céu, não havia horizonte – era aquela coisa confusa, translúcida e pegajosa. Clareava as trevas o branco leitoso das águas que cercavam o rancho. [...] A noite era feito um grande cadáver, de olhos abertos e embaciados” (ÉLIS, 2005, p. 6). Os elementos da natureza cumpriam a figuração do enredo trágico da família “Dos Anjos” às margens do Corumbá. O rio e noite assumiam a cumplicidade em testemunhar, com indiferença grotesca, a tragédia anunciada: “E as águas escachoantes, rugindo, espumando, refletindo cinicamente a treva do céu parado, do céu defunto, do céu entrevado, estuporado” (ÉLIS, 2005, p. 12).

A natureza assume uma função determinante na tragédia humana, em que a exuberância das paisagens nas narrativas contrastava com a imagem da natureza cruel e agressiva, traço do realismo literário brasileiro. O homem, por sua vez, estava à mercê de “um território onde predominava a ordem da natureza” (MURARI, 2009, p. 123). Onde o homem encontra-se com a fronteira de que precisa transpor a fim de construir seu novo *modus vivendi*.

A narrativa de Élis (2001) situa-se nesse cenário de enfrentamento nos domínios do Cerrado. As experiências no território goiano para essa família de imigrantes é de assolamento e destruição. Seu trabalho e seus esforços pouco significaram frente aos desafios da natureza hostil da narrativa realista. O gado foi exterminado, envenenados pelas ervas daninhas. A família perdeu grande parte de seus componentes pela maleita e agora as enchentes do Corumbá cumpriam a dramática tarefa de destruição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da perspectiva da História Ambiental, História Cultural e da Literatura, vimos a possibilidade de discutirmos a relação desse campo de conhecimento na obra do escritor Bernardo Élis em cuja obra encontramos a representação da fronteira e da natureza de maneira clara, haja vista que Élis usa a ficção a fim de mostrar a cultura e modos *vivendi* do povo do interior goiano. Em momento algum percebemos em seus contos, analisados por nós, a ausência das paisagens e da própria vivência nas histórias apresentadas por ele. São paisagens imaginárias e representativas do físico, que no autor tornam a sua literatura realística.

A fronteira e a natureza são elementos que aparecem de forma muito clara na obra de Bernardo Élis. A fronteira é bem representada em seus contos, principalmente quando o autor demonstra a questão do sertão e do isolamento por que Goiás passava no início do século XIX e XX. Relações humanas desumanizadoras, desigualdade social, pobreza em vários sentidos, são retratados como elementos característicos da fronteira. A fronteira, assim, não é apenas um território isolado, mas uma condição de vida. Assim também o é a natureza, matéria-prima de seus contos, sem a qual as histórias não teriam sentido, já que essa está presente não só nos contos aqui estudados, mas em toda a obra do autor. Pois ele vivenciou cada elemento da natureza exposto em seus contos, haja vista que o autor morou no interior desse interior de Goiás, que foi Corumbá. Rios, paisagens, firmamento, terra, tempestades, estiagens, entre outros elementos da natureza, ganham vida e riqueza em suas narrativas.

A História Ambiental e a Literatura nos ajudaram a compreender melhor

os processos de ocupação do sertão-goiano (Cerrado) na medida em que nos ofereceu dados relevantes para que pudéssemos perceber tal acontecimento na obra do autor. Desde estudos sobre a fronteira feitos por grandes historiadores presentes nesta pesquisa, cujos trabalhos fizeram-nos entender a questão da fronteira na obra do autor, até a relação da Literatura com a História sem a qual não conseguíamos perceber que o escritor, em determinada época e lugar, usando de suas vivências, promovendo na ficção, não um documentário, e sim uma história documento.

Os contos de Bernardo Élis ilustram muito claramente a relação do homem com a natureza. Esta está tão presente em suas histórias que elas perderiam o sentido se assim não o fossem. A luta do homem para conseguir permanecer em um lugar ermo, deserto esquecido dos grandes centros é, de maneira óbvia, descrita nas histórias. O que pudemos perceber é que o atraso X modernidade aparece de forma gritante em seus escritos, que vão desde a linguagem à localização de Goiás.

As histórias de *Piano*, no conto *A enxada*, a da família “dos Anjos” sem *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá* e a de Tambiú em *A crueldade benéfica de Tambiú* foram eficientes para que pudéssemos entender e demonstrar nesta pesquisa os pontos principais elencados por nós. A fronteira e a natureza fazem parte da vida de Bernardo Élis, seus contos trazem justamente questões acerca da conquista do sertão- goiano (Cerrado), seus legados para um território, que até o início do século XX foi deixado de lado, lugar de lutas e exploração.

Sabemos que todo escritor literário carrega em sua obra os sentidos impregnados em si mesmo e que para podermos compreendê-la, é necessário que procuremos em outros textos esses sentidos. Foi a isso que esta pesquisa se propôs. Esperamos que este trabalho possa contribuir para aqueles que, com certeza, poderão aprofundar no tema explorado por nós, pois sabemos ser este estudo apenas o primeiro passo de outros que virão, com mais profundidade e entendimento, não se esgotando de modo algum.

Bernardo Élis foi um dos escritores que buscou representar o Cerrado e suas vivências por meio do realismo literário em que expunha a relação entre

Homem e Natureza. Como se vê, diferentes categorias de uso frequente na historiografia e em outros campos das humanidades podem auxiliar na construção de sentido da relação homem e natureza. Devastação, enfrentamentos, temporalidades, espaços, culturas, comportamentos, situações, indicam esse fenômeno que se impõe em diferentes geografias e épocas. O que torna a narrativa literária de Bernardo Élis universal é a sua capacidade de descrever a tragédia da experiência humana que se assemelha em diferentes “geografias”. Ao mesmo tempo, trata de questões regionais, delineando o espaço de fronteiras e sua dinâmica de deslocamento numa temporalidade específica que nos permite relacionar com os pressupostos de análise da historiografia ambiental.

As temporalidades do Cerrado são marcadas por dois grandes eventos, período chuvoso e seco. E, assim, o ciclo de alterações, mudanças e transformações caminham: ora tempo de chuva, ora tempo de estiagem, ou como os moradores do Planalto costumam chamar de inverno (chuvoso) e verão (estiagem). As marcas dessa temporalidade são percebidas na vegetação, no solo, no ar, no firmamento. Em determinado momento, ocorre o tempo das flores e as folhagens das árvores não aparecem e, muitas vezes, o fogo devasta campos e matas. Em outro tempo, as folhagens se vestem de um verde intenso, lavadas pelas águas da invernada. Ora os redemoinhos de vento arrastam as folhas secas e o pó da terra na aridez dos meses de agosto e setembro. As mudanças na paisagem seguem o ritmo cíclico da natureza e de suas temporalidades. Mas esse processo de mudança não marca apenas as paisagens naturais. Elas demarcam culturas, gestos, ritmos cotidianos de sociabilidades, labores e devoções nas representações do homem no Cerrado. Homem e natureza no diálogo da vida se misturam às temporalidades, espaços, paisagens, culturas, bens materiais e simbólicos, dentre outras.

O tema principal da luta pela sobrevivência contra as condições do meio conduz-nos de volta a McCreery (2006) quando esse se refere a Goiás como “a fronteira das fronteiras”, o último lugar a que alguém gostaria de ir. Neste lugar nasceu Bernardo Élis, e suas obras refletem a sua vivência nesse ambiente. Por exemplo, McCreery (2006, p.68) escreve

dada à pobreza da cultura material, na maioria das áreas, itens roubados de qualquer valor poderiam ser facilmente identificadas e

rastreadas: na História de Bernardo Élis 'A Enxada', (uma enxada), por exemplo, objeto central premente, Piano precisa desta ferramenta para cultivar arroz, mas sabe que, se ele roubasse uma enxada, seu ato logo será descoberto.

Seus contos retratam de modo realista a paisagem do sertão de Goiás e McCreery (2006), em seus estudos, citou Bernardo Élis a fim de exemplificar a vida do homem no sertão de Goiás. Noutro trecho a que se refere a Élis, o autor escreve "A situação do pequeno agricultor foi retratada por Bernardo Élis, em seu livro *Veranico de Janeiro*" (McCREERY, 2006, p.107). E, ainda, o autor escreve que esse agricultor que produzia os alimentos, na verdade, não produzia para si, e sim para os grandes proprietários de terras.

Destarte, podemos crer que Bernardo Élis relatou em seus contos as agruras e vivências por que passava o povo de Goiás. Tanto essas agruras quanto as paisagens em que ocorriam suas histórias foram muito bem descritas. A natureza foi um elemento permanente em cada um dos contos do autor, a noite, a chuva, a sequeidão do sertão, as floresta, todos eles foram descritos de forma detalhada, segundo a percepção do autor. Em sua literatura os elementos da natureza foram, também, personagens, já que a vida do escritor sempre foi a do interior do país, no interior de Goiás.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Cristiane R. de. *História e sociedade em Bernardo Élis: uma abordagem sociológica de o tronco*. Dissertação de mestrado em sociologia. FCHF-UFG, 2003.

ALMEIDA, M. G. de. Em busca do poético do sertão: um estudo de representações. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTTS, Alecsandro JP. *Geografia – leituras e culturas*. Goiânia: Alternativa, 2003, p. 71-88.

ALMEIDA, Nelly Alves de. *Estudos sobre os quatro regionalistas*. 2. Ed. Goiás: Editora da UFGO, 1985

ANDRADE, Mário de. In: *Veranico de Janeiro*, 4. Ed. 1979: a obra de Bernardo Élis julgada pela crítica. Rio de Janeiro: José Olympio, 4. ed. 1979

ARISTÓTELES. *A poética clássica*. trad. Jaime Bruna. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

ARRUDA, Gilmar. *Cidades e Sertões: entre história e a memória*. Bauru: Edusc, 2000. p.256 (Coleção História).

BARBOSA, Francisco de A. Nota da Editora – Romance de Protesto. In: ÉLIS, Bernardo. *O Tronco*. 10<sup>o</sup>. Edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008, p. xi-xv.

BARCA, Stefania. Prefácio. In: FRANCO, J.L.A; SILVA, S. D.; DRUMMOND, J. A.; TAVARES, G. G. *História Ambiental: fronteira, recursos naturais e conservação da natureza*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

CAMPOS, Francisco Itami; SILVA, Sandro Dutra. *Coronéis e camponeses: a fronteira da fronteira e a tese da “ficção geográfica” em Goiás*. In: SILVA, S. D.; PIETRAFESA, J. P.; FRANCO, J.L.A; DRUMMOND, J. A.; TAVARES, G. G. *Fronteira Cerrado: Sociedade e Natureza no Oeste do Brasil*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás/ Gráfica e Editora América, 2013.

CAMPOS, Gedeon Pereira. *Risibilidade na contística de Bernardo Élis*. 2008. 128 f. (Dissertação em Letras e linguística) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. Ed. São Paulo: T. A. Queirós, 2000.

\_\_\_\_\_. . In: *Veranico de Janeiro*, 4. Ed. 1979: a obra de Bernardo Élis julgada pela crítica. Rio de Janeiro: José Olympio, 4. ed. 1979

CARVALHO, Tereza Ramos. *A interlocução literatura e história social nas obras o tronco, de Bernardo Élis, quinta-feira sangrenta, de Osvaldo Rodrigues Póvoa e serra dos pilões – jagunços e tropeiros*, de Moura Lima. 2013. 200f. Tese (Doutorado em Literatura) Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Distrito Federal.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. As Paisagens de Bernardo Élis na Obra Veranico De Janeiro. *Ateliê Geográfico Goiânia-GO* v. 5, n. 3, 2011.

ÉLIS, Bernardo. A vida são as obras. In: *Remate de Males*. Revista do Departamento de Teoria Literária, Instituto de Estudos da Linguagem, IEL/UNICAMP, nº 17 (1997), Campinas, 1997, p. 15-116.

\_\_\_\_\_. *Ermos e Gerais*. São Paulo: Martins Fonte, 2005.

\_\_\_\_\_. *Veranico de janeiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1979.

FERNANDES, Maria de Fátima; SILVA, Sandro Dutra; TAVARES, Giovana Galvão. A fronteira ouro e outras fronteiras nas gerais do Oeste: história ambiental e mineração em Pilar Goiás nos séculos XVIII e XIX. In: SILVA, S. D.; PIETRAFESA, J. P.; FRANCO, J.L.A.; DRUMMOND, J. A.; TAVARES, G. G. *Fronteira Cerrado: Sociedade e Natureza no Oeste do Brasil*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás/ Gráfica e Editora América, 2013.

FREDERICO, Enid Yatsuda. Literatura e política. In: UNES, Wolney. (org.) *Vida em obras*. AGEPEL: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005.

GONÇALVES, Aguinaldo José. Regionalismo e universalismo: algumas reflexões a propósito da poética de Bernardo Élis. In: UNES, Wolney. (org.) *Vida em obras*. AGEPEL: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005.

HENNESSY, Alistair. *The Frontier in Latin American History*. London: Edward Arnold, 1978.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e Fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

JORGE, Miguel. Sessenta anos de 'Ermos e Gerais'. In: UNES, Wolney. (org.) *Vida em obras*. AGEPEL: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005.

KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, Lynn (org.). *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 131-132.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina A. *Metodologia Científica*. São Paulo, Atlas, 1991.

LEFF, Enrique. *Aventuras da epistemologia ambiental: da articulação das ciências aos diálogos dos saberes*. Trad. Gloria Maria Vargas. Rio de Janeiro: Garamond, 2004 (col. Ideias sustentáveis).

LIMA, Nicaccio André. *Caminhos da integração, fronteiras da política: a formação das províncias Goiás e Mato Grosso*. 2010. 365f. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

LUNA, Sergio de Vasconcelos. *Planejamento de pesquisa: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 1996, p.81.

MARCHEZAN, Luiz G. Apresentação. ELIS, Bernardo. *Ermos e Gerais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MARTINS, Jose de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 2012.

MARTINS, Jose de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997.

MARTINS, José de Souza. *O tempo da fronteira*. Retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, São Paulo: 1996.

McGREERY, David. *Frontier Goiás, 1822-1889*. Stanford, Califórnia: Stanford University Press, 2006.

MELAZZO, Helena Ferreira. *A dimensão simbólica em Bernardo Élis*. (DISSERTAÇÃO). Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras. Goiânia, 1998.

MURARI, Luciana. *Natureza e cultura no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2009.

\_\_\_\_\_. *Tudo o mais é paisagem: representações da natureza na cultura brasileira*. 2002. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-24042007-111238/>>. Acesso em: 2012-09-18.

NOVAIS, Fernando A. *Prefácio*. Holanda, Sérgio Buarque de. *Caminhos e Fronteiras*. 3ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso. O medo dos colonizadores em relação ao indígena na expansão da fronteira colonizadora em Goiás nos séculos XVIII e XIX. In: SILVA, S. D.; PIETRAFESA, J. P.; FRANCO, J.L.A; DRUMMOND, J. A.; TAVARES, G. G. *Fronteira Cerrado: Sociedade e Natureza no Oeste do Brasil*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás/ Gráfica e Editora América, 2013

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

PADUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. In: FRANCO, J.L.A; SILVA, S. D.; DRUMMOND, J. A.; TAVARES, G. G. *História Ambiental: fronteira, recursos naturais e conservação da natureza*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.115-116.

SILVA, Margarida do Amaral. *Etnografando a Paisagem do Sertão*. 2011. 183f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Faculdade de Ciências Sociais. Universidade Federal de Goiás.

SILVA, Sandro Dutra. *A natureza contra o progresso: mitos e narrativas do “destino bandeirante” na expansão desenvolvimentista*. Textos De História, vol. 17, nº 1, 2009.

\_\_\_\_\_. As cicatrizes do progresso: O desbravador do Oeste e as narrativas do enfrentamento e devastação da natureza na construção da Rodovia Belém-Brasília. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo: 2011

\_\_\_\_\_; BANDEIRA, Aurea Marchetti; TAVARES, Giovana Galvão. Fronteira e Natureza às Margens Do Corumbá: literatura e história ambiental como categorias de análise do cerrado goiano na obra de Bernardo Élis. *XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH*. Natal: 2013.

TEIXEIRA NETO, Antônio. A certidão de nascimento de Goiás: uma cartografia histórica da Fronteira. In: SILVA, S. D.; PIETRAFESA, J. P.; FRANCO, J.L.A; DRUMMOND, J. A.; TAVARES, G. G. *Fronteira Cerrado: Sociedade e Natureza no Oeste do Brasil*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás/ Gráfica e Editora América, 2013.

TURNER, F. J. *The frontier in American history*. Minneola, New York: Dover Publications, Inc.: 2010

TURNER, Frederick Jackson. O significado da História. Trad. Apres. Arthur Lima de AVILA. *História*, São Paulo, v.24, N.1, P.191-223, 2005

UNES, Wolney. (org.) *Bernardo Élis: Vida em obras*. Goiânia: AGEPEL: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005.

VELLOSO, Mônica. A literatura como espelho da nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 1988, vol. I, n. 2, p. 239-263.

WEGNER, Robert. *A conquista do oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.